

## ESTHER IMPÉRIO HAMBURGER

Memorial das atividades de docência e pesquisa apresentado para o **Concurso para provimento efetivo de um cargo de professor doutor** junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão na área de "História e Crítica dos Meios Audiovisuais"

Escola de Comunicação e Artes da USP  
São Paulo  
Julho/2005

ESTHER IMPÉRIO HAMBURGER

MEMORIAL

Escola de Comunicação e Artes da USP  
São Paulo  
Julho/2005.

# MEMORIAL

## PROFA DRA. ESTHER IMPÉRIO HAMBURGER

### Índice

	pg
I. Dados pessoais _____	01
II. Formação Acadêmica/titulação _____	01
III. Atuação Profissional _____	02
IV. Bolsas Recebidas _____	03
V. Áreas de Atuação _____	04
VI. Linhas de pesquisa _____	04
VII. Projetos de pesquisa _____	04
VIII. Idiomas _____	05
IX. Orientações em andamento	
a) Mestrado _____	05
b) Iniciação Científica _____	05
c) Graduação _____	06
X. Orientações concluídas	
a) Graduação _____	06
b) Iniciação Científica _____	06
c) Supervisão de Pós doutoramento _____	06
d) Outras Orientações _____	06
XI. Participação em bancas examinadoras	
a) Teses de Doutorado _____	07
b) Dissertação de Mestrado _____	07
c) Qualificações de doutorado _____	08
d) Trabalhos de conclusão _____	08
e) Outras Participações _____	09

<b>XII. Participação em bancas de comissões julgadoras</b>	
a) Processo Seletivo	09
<b>XIII. Produção Bibliográfica</b>	
1) Livro publicado	09
2) Capítulos de livros publicados	09
3) Trabalhos completos em anais de eventos	09
4) Resumos simples em anais de eventos	09
5) Artigos completos publicados em periódicos	11
6) Entrevistas para jornais de notícias	12
7) Artigos publicados em jornais	13
8) Resenhas de livros publicados em jornais	14
9) Textos em revistas	15
10) Outras Participações	15
<b>XIV. Participação em Eventos</b>	
a) Participação em eventos acadêmicos	16
b) Participação em eventos de divulgação	19
<b>XV. Colaboração com jornais e revistas</b>	
a) "Ilustrada"- Folha de São Paulo	19
b) Revista Eletrônica Trópico	29
<b>XVI. Comentário de uma trajetória</b>	30

# MEMORIAL

## Esther Império Hamburger

### I. DADOS PESSOAIS

Nome: **Esther Império Hamburger**

Nome em citações bibliográficas: **HAMBURGER, E. I.**

Filiação: Ernst Wolfgang Hamburger e Amélia Império Hamburger

Nascimento: 06/02/1960, São Paulo

Endereço profissional: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Cinema Rádio e Televisão.  
Av. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Cidade Universitária  
05508-900 - São Paulo, SP - Brasil  
Telefone: (11) 30914332 - e-mail: ehamb@uol.com.br

### II. FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

- Pós-doutorado  
1999 - 2000  
University of Texas System, U.T.S., Estados Unidos.  
Bolsista do(a): Mellon Foundation, MELLON, Estados Unidos.
- Doutorado em Antropologia  
1988 - 1999.  
University of Chicago, U.C., Estados Unidos.  
Título: Politics and Intimacy in Brazilian Telenovelas. Ano de obtenção: 1999.  
Orientador: Marshall Sahlins.  
Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES - Brasil.
- Mestrado em Sociologia  
1983 - 1988  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil.  
Título: A Formação, o desenvolvimento e a dissolução da ação coletiva: o caso da autonomia de Santo Amaro. Ano de obtenção: 1988.  
Orientador: Azis Simão.  
Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, Brasil.
- Graduação em Ciências Sociais  
1978 - 1982  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil.

### III. ATUAÇÃO PROFISSIONAL

#### 1. Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes Professora doutora em Regime de Dedicção exclusiva 2001 - atual

Funções Administrativas:

- Suplente do chefe do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo
- Membro do Conselho do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão
- Coordenadora da Comissão de Pós Graduação da Escola de Comunicação e Artes

Disciplinas ministradas:

Graduação:

Linguagem de som e imagem ( CTR0534)

História do audiovisual II( CTR0655)

História do audiovisual Brasileiro II ( CTR0656)

História do Audiovisual III ( CTR0679)

História do Audiovisual Brasileiro III ( CTR0694)

História do Audiovisual IV ( CTR695)

Pós Graduação:

Mídia e Representação: Abordagens Recentes ( CTR5993)

Políticas da Representação Audiovisual (CTR5200)

Representações da Pobreza e da Violência no Cinema e Televisão (CTR5234)

Abordagens Recentes sobre os meios de. Comunicação de massa(FLS5063)

#### 2. Centro Brasileiro de Análises e Planejamento - CEBRAP

Pesquisadora

1985 - 1999:

Coordenadora do projeto "Impacto Social da Televisão no Comportamento Reprodutivo" realizado pelo Cebrap em consórcio com CEDEPLAR, da UFMG, NEPO, da UNICAMP, ECA-USP, Population Research Center e Departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas, Austin.

Outras Atividades: membro da Câmara de Pesquisadores

Pesquisadora assistente

Coordenação de campo na pesquisa "Descentralização administrativa e política local" e pesquisadora na pesquisa "Descentralização administrativa e política local de saúde", ambas coordenadas pela Prof. Dra. Ruth Corrêa Leite Cardoso.

3. Prefeitura Municipal de São Paulo - PMSP  
Assessora Técnica (Funcionária)  
Serviços realizados: Assessora Técnica nas Secretarias do Planejamento e das Finanças.  
1983-1984
4. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE  
Estagiária  
1981 - 1981
5. Fundação SEADE  
Estagiária na equipe de Justiça e Segurança  
1980 - 1980
6. 1978 - 1978  
Estagiária  
Entrevistadora na pesquisa "Comportamento Eleitoral na Cidade de São Paulo" coordenada pelo Prof. Bolivar Lamounier.

#### IV. BOLSAS RECEBIDAS:

1985 -1986 - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Título: A formação, o desenvolvimento e a dissolução da ação coletiva: o caso da autonomia de Santo Amaro

1987-1988 – Programa de Formação de Quadros do Cebrap

1988 -1992 - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Título: Politics and Intimacy in Brazilian Telenovelas.

1992-1992 - Center for Latin American Studies Summer Grant, The University of Chicago

Título: Brazilian Telenovelas in Portugal

1992-1993 - MacArthur Scholar (The University of Chicago)

Título: Politics and Intimacy in Brazilian Telenovelas.

1994-1994 - Núcleo de Estudos de População (NEPO)

Título: Social Role of the Media and Demographic in Brazil: A Planning Proposal.

1998-1999 - Visiting Scholar com bolsa da Mellon Foundation, Population Research Center, University of Texas, Austin.

Título: Brazilian Telenovelas and social change

1999 – 1999 - Pós – doutoramento em Antropologia e demografia com bolsa da Mellon Foundation. Population Research Center, University of Texas, Austin.

2003 - 2005 - Centro de Estudos da Metrópole (CEM), projeto com título Socio-Demográfico da Audiência de Televisão em São Paulo, recursos FAPESP.

2005-2007 - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (bolsa produtividade)  
Título: Inclusão e exclusão social: a Política das representações na mídia em uma favela paulistana.

## V. ÁREAS DE ATUAÇÃO

- Antropologia Urbana, Cultura Política.
- Teoria e Estética do Audiovisual.

## VI. LINHAS DE PESQUISA

- Movimentos Sociais, Descentralização Administrativa e Política Local (até 1988)
- Políticas da Representação.
- Teoria e estética dos meios Audiovisuais
- A representação da metrópole nos meios audiovisuais.

## VII. PROJETOS DE PESQUISA

- 2005 em andamento  
Inclusão e Exclusão Social: A Política das Representações na Mídia em uma Favela Paulistana.  
Descrição: Bolsa de Produtividade e Auxílio à Pesquisa do CNPq.
- 2003 - em andamento  
Centro de Estudos da Metrópole - CEM  
Título: "Caracterização do perfil sócio-demográfico da audiência de televisão na RMSP 1970-1997"  
Este projeto se insere nas atividades do núcleo de professores da ECA-USP no CEM.  
Integrantes: Esther Império Hamburger (Responsável); Heloísa Buarque de Almeida; Tirza Aidar; Carolina Agabiti; Ananda Stücker, Nádia Bernardo, Luana Tinoco.
- 1992 - 1999  
"Impacto Social da Televisão no Comportamento Demográfico".  
Realizado pelo CEBRAP em consórcio com CEDEPLAR, da UFMG, NEPO, da UNICAMP, ECA-USP. Population Research Center e Departamentode Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas, Austin.  
Coordenado por Elza Berquó, Eduardo Rios Neto, Joseph Potter, Emile McAnany.



- 1992 - 1999  
 "Politics and Intimacy in Brazilian Telenovelas"  
 Doutorado em Antropologia pela University of Chicago, U.C., Chicago, Estados Unidos.  
 Orientador: Marshall Sahlins  
 Financiador: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Bolsa).
  
- 1985 - 1987  
 "Descentralização Administrativa e Política Local" e "Descentralização Administrativa e Política Local de Saúde".  
 Coordenação: Ruth Corrêa Leite Cardoso  
 Integrantes: Ana Cristina Braga Martes e Esther Império Hamburger

## VIII. IDIOMAS

Inglês (fluente)  
 Espanhol e Francês (compreende)

## IX. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO

### a) Mestrado

Carolina Agabiti. "O autor e o público: o processo de escrita da telenovela e a relação com a audiência". Início:2002. (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo. Bolsa: Centro de Estudos da Metrópole (CEM-FAPESP)

Luiz Tabet - "TV Anhembi: As experiências de uma TV municipal ao vivo nas ruas de São Paulo". Início:2002, (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo.

Marco Antonio Pereira do Vale. - "O Brasil na Era das Imagens Digitais: uma possível miscigenação entre o Cinema e a TV nos filmes de Guel Arraes." Início:2002. (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo. Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Olivier Micarelli Filho. - "A vídeo reportagem como uma alternativa ao formato e ao conteúdo da notícia". Início:2002, (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo.

### b) Iniciação científica

Ananda Stücker. - "A Construção da Audiência na Indústria Cultural Televisiva: Um Olhar sobre a Metodologia do IBOPE de 1970 a 2000. Início:2003. (Graduando em

Ciências Sociais) - Universidade de São Paulo. Bolsa: Centro de Estudos da Metrópole (CEM-FAPESP)

**c) Graduação (ECA-USP)**

Guilherme Cerqueira César - "Teresa". Início 2005.

André Pires Bonfim. - "Até Amanhã". Início:2004.

Júlia Zakia. - "A Estória da Figueira". Início:2004.

**X. ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS**

**a) Graduação (Curso Superior do Audiovisual ECA-USP)**

Simone Keiko Kota. - "Aliás- muito Além do Gênero" (2005)

Aldrich Nilton Kanashiro. - "Vida - Reality" (2003)

Michel Sitnik - "Estratégias nas Grades de Programação, analisando as grades de programação como instrumento mercadológico" (2003).

Wallace Bernardo - "Os Normais - Linguagem e Estrutura de Produção" 2003)

**b) Iniciação científica concluída**

Júlia Zákia - "O Chapéu do Meu Avô" - documentário (Graduando no Curso Superior do Audiovisual) - Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2004)

**c) Supervisão de Pós doutoramento concluída**

Heloisa Buarque de Almeida. - "A construção da audiência: uma análise dos dados do IBOPE para Grande São Paulo, 1970-2000" Universidade de São Paulo, FAPESP (2004)

**d) Outras Orientações concluídas**

Luana Tinoco (bolsista de capacitação técnica). "A construção da audiência: uma análise dos dados do IBOPE para Grande São Paulo 1970-2000", Vinculado ao projeto "Perfil demográfico da audiência de TV na região metropolitana de São Paulo, Início:2003. Universidade Estadual de Campinas.

Nádia Bernardo (bolsista de capacitação técnica). - "A construção da audiência: uma análise dos dados do IBOPE para Grande São Paulo 1970-2000", Vinculado ao projeto "Perfil demográfico da audiência de TV na região metropolitana de São Paulo, Início:2003. Universidade Estadual de Campinas.

## **XI. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS**

### **a) Teses de doutorado**

Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira. - "Televisão, Biografia, Memória e Vida Privada". (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas (25/03/2005)

Gabriela Borges Martins Caravela. - "A poética televisual de Samuel Beckett".. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (2004)

Valéria Guimarães. - "Notícias Diversas: suicídios por amor, 'leituras contagiosas' e cultura popular em São Paulo nos anos 10" (Doutorado em História Social) - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo (2004)

Claudia Lago. - "O romantismo morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo". (Doutoramento em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes-Universidade de São Paulo.(2003)

Maria Aparecida Ruiz - "A Grande Família de Oduvaldo Vianna Filho e a Consolidação da indústria cultural: uma imagem na televisão brasileira no início dos anos setenta (Doutoramento em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo.(2003).

Aida Maria Bastos Nepomuceno Marques. - "O Cinema de Nelson Rodrigues" (Doutorado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo (2002)

Júlio Cesar Lobo. - "Rede de Representações: Configurações do Correspondente Estrangeiro em Situações de Comunicação Intercultural no Cinema Internacional, 1968 - 1988" (Doutorado Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo (2002)

Heloísa Buarque de Almeida. - "Muitas Mais Coisas: Telenovela, Consumo e Gênero". (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas (2001)

Mônica Almeida Kornis. - "Uma História do Brasil Recente nas Minisséries da Rede Globo". (Doutorado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicação e Artes Universidade de São Paulo (2001)

### **b) Dissertações de Mestrado**

Regina da Graça Soler Simões - "Televisão e Infância, a autofagia na criação, um estudo sobre os programas infantis produzidos pela primeira geração de telespectadores." (2004) .

Mauro Miguel Munhoz. - "A Borda D'Água de Paraty: Revitalização Urbana Sustentável a partir dos Espaços Públicos de Borda D'Água". (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo (2003)

Janaina Maria Fernandes Merhy - "A construção da interatividade no programa Você Decide". (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002)

Lilian Alves Sampaio. - "O Riso e a Náusea: A Disputa Simbólica Encenada em um Programa de Televisão". (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo (2002)

### **c) Qualificações de doutorado**

Alexandre Bérghamo. - "Imitação da ordem - as pesquisas sobre televisão no Brasil". (Doutorando em Sociologia) - Universidade de São Paulo (2003)

Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira. - "Televisão e Experiência Social Contemporânea - os programas de entrevistas da TV brasileira".(Doutorando em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas (2003)

Mione Apolinário Sales. - "Visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência". (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo (2003)

### **d) Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação**

Mariana Klinke Pandolfo. - "A Construção de Personagens como Marca Autoral O Caso Manoel Carlos".(Graduação em Curso Superior do Audiovisual) - Universidade de São Paulo (19/01/2005)

Fábio Aparecido Farias. "O Tempo Prolongado das Telenovelas - Recurso Dramatúrgicos Empregados pelos Autores".(Graduação em Curso Superior do Audiovisual) - Universidade de São Paulo (19/01/2005)

Leandro Vieira Maciel. "O Dom". (Graduação em Curso Superior do Audiovisual) - Universidade de São Paulo (2003)

Priscila Delgado De Carvalho. - "Tão Longe, Tão Perto". Universidade de São Paulo (14/02/2003)

Renato Tavares Junior. - "TV Legal". Universidade de São Paulo (19/02/2003)

Danilo Teixeira Bechara. - "Videoclipe -Uma Idéia Central". (Graduação em Curso Superior do Audiovisual) - Universidade de São Paulo (17/12/2003)

#### **e) Outras Participações**

Ensaio Final de Patrícia Sant'Anna - "Um breve estudo sobre as conseqüências do objeto-vestuário em um museu de arte". Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP (24/03/2004)

### **XII. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS**

#### **a) Processo Seletivo**

Contratação de docente na categoria de Auxiliar de Ensino no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (27/08/2003)

### **XIII. PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **1) Livro publicado**

**HAMBURGER, E.I.** "O Brasil Antenado: A Sociedade da Novela". Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.

#### **2) Capítulos de livros publicados**

**HAMBURGER, E.I.** - "Políticas da Representação: Ficção e Documentário em Ônibus 174". In: LABAKI, Maria Dora Genis Mourão e Amir Labaki. (Org.). "O Cinema do Real". Ed. COSACNAIF, São Paulo, v. 01, p. 196-215, 2005.

**HAMBURGER, E.I.** - "Eu via um país no ar". In: Cavalcanti, Lauro. (Org.). Tudo é Brasil. Ed. Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2004.

**HAMBURGER, E.I.; ALMEIDA, H. B. de.** - "Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiências x imagens". In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio. (Org.). Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras. Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2004.

**HAMBURGER, E.I.** - "A Construção da Verossimilhança nas Novelas". In: TRAVANCAS, Isabel; FARIAS, Patrícia. (Org.). Antropologia e Comunicação. Ed. FAPERJ/Garamond, Rio de Janeiro, p. 125-148, 2003.

**HAMBURGER, E.I.** - "A Indústria Cultural Brasileira - Vista Daqui e de Fora". In: MICELI, Sérgio.(Org.). O que ler na Ciência Social Brasileira. Ed. ANPOCS/Capes São Paulo; Brasília, p. 53-84, 2002.

**HAMBURGER, E.I.** - "O Perfume das Flores". In: FREDMAN, Luiz Carlos. (Org.). Política e Cultura: Sec. XXI. Ed. Relume Dumará: Alerj, Rio de Janeiro, v. 2, p. 119-127, 2002.

**HAMBURGER, E.I.** - "Cineminha na TV". Milton Meira do Nascimento (Org). Jornal das Resenhas de abril de 2001 a novembro de 2002. Ed. Discurso Editorial, p 2158-2159.

**HAMBURGER, E.I.** - "Audácia para debater diversidade e questões de gênero"(Entrevista). In Remoto Controle Linguagem Conteúdo e Participação nos Programas de Televisão para Adolescentes - Série Mídia e mobilização Social. Realização NADI, UNICEF e Cortez Editora, 2002.

**HAMBURGER, E.I.** - "Nossa TV". Milton Meira do Nascimento (Org). Jornal das Resenhas de abril de 2001 a novembro de 2002. Ed. Discurso Editorial, p 2514, 2515.

**HAMBURGER, E.I.** - "Representações sobre Reprodução nas Telenovelas Brasileiras". In: OLIVEIRA, Maria Coleta; ROCHA, Maria Isabel Baltar da. (Org.). Saúde Reprodutiva na Esfera Pública e Política. Ed. Unicamp/NEPO, Campinas, p. 279-302, 2001.

**HAMBURGER, E.I.** - "Política e Novela". In: BUCCI, Eugênio. (Org.). A TV aos 50- Criticando a Televisão Brasileira no seu Cinquentenário. Ed. Perseu Abramo, São Paulo, p. 25-47, 2000.

**HAMBURGER, E.I.** - Diluindo Fronteiras: As Telenovelas no Cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia. (Org.). História da Vida Privada. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, v. 4, 1998

### **3) Trabalhos completos em anais de eventos**

**HAMBURGER, E.I.; RIOS NETO, E.; POTTER, J.; ANANY, E. M.** - "Links between television and reproductive behavior in Brazil: evidence from a reception study". In: Population Association of America (Paa). Washington DC. PAA , Annual Meeting. 2001.

**HAMBURGER, E.I.; ALMEIDA, H. B. de.** - "Telenovela, Gender and Demography in Brazil". In: XXIV General Population Conference - International Union for the Scientific Study of Population, IUSSP, Salvador, 2001

### **4) Resumos simples em anais de eventos**

**HAMBURGER, E.I.** - VIII Encontro Anual da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema - Socine - "Diferentes Expressões de Apropriação dos Mecanismos de Produção da Representação". Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2004.

**HAMBURGER, E.I.** - "A Construção da Verossimilhança nas Novelas" In: XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais -ANPOCS. GT Comunicação e Antropologia. Caxambu- MG, 2001. p. 79-79.

**HAMBURGER, E.I.** - "Diluindo Barreiras de Gênero: O Brasil e o amor na ficção e na notícia". In: XIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, Caxambu, MG, 1995.

HAMBURGER, E.I. "Telenovelas e política no Brasil"- In: XVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS. GT Cultura e Política, 1994.

HAMBURGER, E.I.; CARDOSO, R. C. L.; MARTES, A. C. B. - "Política local e participação: um estudo comparativo de agências locais". In: XI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS. Caxambu, MG, 1987.

HAMBURGER, E.I. - "Sobre o conceito de clientelismo". Revista Ciência e Cultura. In: XXXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Belo Horizonte, MG, 1985.

##### 5) Artigos completos publicados em periódicos

HAMBURGER E.I., GIANNOTTI J. A., SADEK, J. R., - "Educação a distância: dificuldades e avanços". Entrevista com Pedro Paulo Poppovic. Novos Estudos, v 68 CEBRAP, São Paulo, 2005.

HAMBURGER, E.I.. - "Politics of Representation". Vibrant, (versão eletrônica do artigo publicado na Revista Framework, São Paulo, v. vol. 1, n. número 1, p. 1-22, 2004.

HAMBURGER, E.I. - "TV Brasileira Hoje". Revista da USP, São Paulo, v. 61, p. 110-115, 2004.

HAMBURGER, E.I. - "A Mídia e a Produção de Significados" - Resenha de. Revista Brasileira de Estudos da População, Campinas, p. 115-119, 2003.

HAMBURGER, E.I. -"Políticas da Representação". Contracampo, Niterói, p. 49-60, 2003.

HAMBURGER, E.I.- "Politics of Representation: Television in a São Paulo Favela. Framework". The Journal of Cinema and Media, Detroit, v. 44, n. Spring, p. 104-115, 2003.

HAMBURGER, E.I. - "Formatos da Intimidade" Comunicação e Educação, São Paulo: Ed. Salesiana, p. 82-86, 2002.

HAMBURGER, E.I. - "Novos Olhares"- Entrevista com Esther Hamburger e Roberto Moreira. Ano III. N. 6 - 2º Segundo Semestre de 2000, São Paulo, p. 26-38, 2000.

HAMBURGER, E.I.. Política e Intimidade. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, p.91-102, 2000.

HAMBURGER, E.I.. Politics and Intimacy: The Agrarian Reform in One Brazilian Telenovela. Television and New Media, New York, v. 1, n. 2, p. 159-178, 2000.

HAMBURGER, E.I.. Resenha do livro "Desafios da Imagem" de Bela Feldman-Bianco e Miriam L. Moreira Leite. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.137-139, 2000.

HAMBURGER, E.I..- "Vale Tudo e as Conseqüências não Antecipadas da Modernização". **Revista Imagem**, Campinas, 1998.

HAMBURGER, E.I.. - "Visibilidade em Questão: Mulheres, Negros e Nordestinos na Mídia". Cadernos de Pesquisa do CEBRAP, São Paulo, 1996.

HAMBURGER, E.I.. - "O Mundo das Telenovelas: Famílias Pequenas e Fragmentadas". Research Papers - publicação interna CEBRAP/ UTS/CEDEPLAR-UFGM/NEPO-UNICAMP, S. Paulo; Austin; B. Horizonte, 1994.

HAMBURGER, E.I.; CARDOSO, R. C. L. - "Youth and Media in Brazil". International Social Science Journal, London, p. 455-462, 1994.

HAMBURGER, E.I.; POTTER, J.; BERQUÓ, MCANANY, E e; RIOS NETO, E.. Notas sobre o Seminário "O Papel Social da Mídia e Mudança Demográfica no Brasil". Research Papers - publicação interna CEBRAP/ UTS/ CEDEPLAR/ NEPO-UNICAMP, S. Paulo; Austin; B. Horizonte, 1993.

HAMBURGER, E.I.. Resenha do livro: "Retórica da Intransigência" de Albert Hirshman. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 1993.

HAMBURGER, E.I.. - "Telenovelas in Brazil and Feminization of the Gaze: Preliminary Analysis. Research Papers" - publicação interna CEBRAP/ UTS/ CEDEPLAR/ NEPO-UNICAMP, S. Paulo; 1993.

HAMBURGER, E.I.. "Marxismo analítico, o pensamento claro". Entrevista com Jon Elster, "Novos Estudos" CEBRAP, São Paulo, 1990.

HAMBURGER, E.I.. Resenha do livro "Le Retour de Lacteur" de Alain Touraine. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v 2 n° 4, São Paulo, p. 110-111, 1987.

## **6) Entrevistas para jornais de notícias**

HAMBURGER, E.I. - "Cineastas filmam divisória imaginária". Entrevista com Eyan Sivan, diretora trata conflito a partir de visão pessoal sobre "Mur" filme de Simone Bitton. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 jan. 2005.

HAMBURGER, E.I. "A Comunidade Imaginária" - Entrevista com John Hartley. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, p. 10.31 mar. 2002.

HAMBURGER, E.I. "A Revolução da AIDS" - Entrevista com Cristiana Bastos. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 24-25, 12 dez. 1999.

HAMBURGER, E.I. "Competição Espiritual no Mercado Livre da Fé" - Entrevista com Andrew Chesnut. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 06 jun. 1999.



HAMBURGER, E.I. "A Idade de Ouro" - Entrevista com Edward Said. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 4-5, 10 mar. 1996.

HAMBURGER, E.I. "A Mecânica da Fascinação" Entrevista com Laura Mulvey. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p.6,7, 12 nov. 1994.

HAMBURGER, E.I. "Riefenstahl sem preconceito". – Entrevista com Ray Muller. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. A6, 9 maio 1994.

HAMBURGER, E.I. Entrevista com o Prof. Simon Schama. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 1992.

HAMBURGER, E.I. "Hirschman radiografa linguagem reacionária" - Entrevista com Prof. Albert Hirschman. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 1992.

HAMBURGER, E.I. "Leste Europeu vive caos social diz Furê" - Entrevista com o Prof. François Furê. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 04 jan. 1992.

#### 7) Artigos publicados em jornais

HAMBURGER, E.I.. "Os Limites do Melodrama". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 9.05 out. 2003.

HAMBURGER, E.I.. "A TV depois do real". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 10-10, 31 mar. 2002.

HAMBURGER, E.I. "O Construtor do Império". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 4-6, 02 dez. 2001.

HAMBURGER, E.I. "Televisão: A arena da cultura contemporânea." *Jornal do Brasil*, Idéias 15/09/01 2001, pp. 1-2.

HAMBURGER, E.I. "Qual o futuro da novela?". Caderno Especial TV BRASILEIRA 50 ANOS. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 7.19 set. 2000.

HAMBURGER, E.I. "Sobre realidade na TV". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 2.03 set. 2000.

HAMBURGER, E.I. "Televisão". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 23.31 dez. 2000.

HAMBURGER, E.I. "Pesquisas enfocam religiosidade popular". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-6, 06 jun. 1999.

HAMBURGER, E.I. Texto de apresentação do videomaker Belisário Franca. Folheto de apresentação da mostra, Rio de Janeiro, 11 nov. 1996.

HAMBURGER, E.I. "Perversões Ocultas". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-6, 19 nov. 1995.

HAMBURGER, E.I.; THOMAZ, O. R. "Em preto e branco". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo.

HAMBURGER, E.I. "Vídeo e narcisismo". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo.

HAMBURGER, E.I. "Debate é violento e divide intelectuais americanos" - Multiculturalismo nas universidades americanas". Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 6, 12 abril 1992.

HAMBURGER, E.I. "Os caminhos para a TV pública". Idéias. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 07/04/1991.

#### 8) Resenhas de livros publicados em jornais

HAMBURGER, E.I. "Nossa TV" - Resenhas dos livros "O Império do Grotesco" de Muniz Sodré e Raquel Paiva, "O Autor na Televisão" de Lisandro Nogueira, "Showrnalismo" de José Arbex Jr. e "Os Exercícios do Ver" de Jesús Martín-Barbero e Germán Rey. Jornal de Resenhas. Folha de São Paulo, p. 4-4, 09 nov. 2002.

HAMBURGER, E.I. "Tramas do Espetáculo" - Resenhas dos livros "A Vida com a TV" organizada por Luiz Costa Pereira Jr., "Figurino, uma Experiência na Televisão" de Adriana Leite e Lisette Guerra e "O Espetáculo da Cultura Paulista -Teatro e TV em São Paulo, 1940-1950", de José David Lessa. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 12.15 set. 2002.

HAMBURGER, E.I. "A TV na estante" - Resenhas dos livros "A TV levada a sério" de Arlindo Machado, "A TV aos 50 - Criticando a Televisão Brasileira no seu Cinquentenário" organizado por Eugênio Bucci, "País da TV" de Gonçalo Júnior e "Era uma Vez. A Televisão" de João Lor. Jornal de Resenhas. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 7.10 mar. 2001.

HAMBURGER, E.I. "Cineminha na TV" - Resenha do livro "O Circo Eletrônico - Fazendo TV no Brasil" de Daniel Filho. Jornal de Resenhas - Folha de São Paulo, São Paulo, p. 3-3, 09 jun. 2001.

HAMBURGER, E.I. "TV Também é cultura?" - Resenhas dos livros "A Cultura de Mídia" de Douglas Kellner, "Homo Videns" de Giovanni Sartori e "Elogio do Grande Público" de Dominique Wolton. Idéias. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 set. 2001.

HAMBURGER, E.I. "Um futuro desencantado" - Resenha do livro "Cultura Infantil - A Construção Corporativa da Infância" organizado por Shirley R. Steinberg e Joe Kincheloe. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 21 out. 2001.

HAMBURGER, E.I. "Intrigante civilização luso-tropical" - Resenha do livro "Brazil, the Once and Future Country" de Marshall Eakin. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-8, 10 ago. 1997.

HAMBURGER, E.I. "A Ansiedade da Metrópole Contemporânea" - Resenha do livro e vídeo "Paisagens Urbanas", de Nelson Brissac Peixoto. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-8, 01 set. 1996.

HAMBURGER, E.I. - "O Dia-a-dia das Telenovelas" - Resenha do livro "O que é Telenovela" de Rose Calza. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-8, 04 ago. 1996.

HAMBURGER, E.I. "O espectador autônomo" - Resenha do livro "A Nova Televisão" de Nelson Hoineff. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5-9, 14 jul. 1996.

HAMBURGER, E.I. "Skidmore organiza coletânea sobre TV" - Resenha do livro "Television, Politics and the Transition to Democracy in Latin America" de Thomas Skidmore (org.). Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, p. 6-10, 03 jul. 1994.

HAMBURGER, E.I. "Coletânea sobre novelas deixa perguntas no ar" Resenha do livro "Ficção Seriada na TV As Telenovelas Latino-Americanas" de Ana Maria Fadul. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 25 julho 1993.

HAMBURGER, E.I. "Taussing revela cultura mista de ódio e fascínio". Resenha do livro Shamanism, Colonialism and the wild man: a study in terror and healing". Suplemento Letras. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 novembro 1989.

#### 9) Textos em revistas (magazines)

HAMBURGER, E.I. - "City of soaps - Brazilian cinema and television are working together for regeneration". **Sight & Sound**, London (publicado em vários países) p. 6.01 abr. 2004.

HAMBURGER, E.I. - "Interatividade na Tevê". Família Cristã, São Paulo, v.63, nº 738, p. 27, 06/1997.

HAMBURGER, E.I. - "Novos Santos contra o dragão da maldade". Revista Bravo, São Paulo, v. 26, ano 3, 11/1999.

HAMBURGER, E.I. - "Iluminismo à americana". Revista República, Curitiba, v. 36, ano 3, 10/1999.

#### 10) Outras publicações:

HAMBURGER, E.I. Revisão da tradução do livro com texto original: The rhetoric of reaction: perversity, futility, jeopardy, de Albert O. Hirschman. Título em português: A retórica da Intransigência. perversidade, futilidade, ameaça, tradutor Tomás Rosa Bueno. Companhia da Letras, São Paulo, 1992.

#### **XIV. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS**

##### **a) Participação em eventos acadêmicos**

**HAMBURGER, E.I.** 14ª Edição do Projeto Nascente", membro de comissão julgadora da área de Audiovisual. Promovida pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, maio, 2005.

**HAMBURGER, E.I.;** Participação na Mesa Redonda -" A Sedimentação Contemporânea do Urbano no Cinema". Escola de Comunicações e Artes - USP; Instituição promotora/Financiadora: CINUSP "Paulo Emílio". Departamento de Cinema, Rádio e TV. ECA/USP. Centro de Estudos da Metrópole - Mostra e Colóquio "Representações da Metrópole Brasil/França", 02-04/09/2004.

**HAMBURGER, E.I.;** GERVAISEAU, H. P. A. A.; XAVIER, I. ; M., Maria Dora G.; M. JR, R. - Organização do Colóquio "Representações da Metrópole na França e no Brasil". Instituição. promotora/financiadora: Grupo CEM - Centro de Estudos da Metrópole / Departamento de Cinema, Rádio e TV / ECA/USP. Seminário dentro do Evento Mostra e Colóquio "Representações da Metrópole Brasil / França, 02-04/09/2004.

**HAMBURGER, E.I.;** ESCOREL, E.; SACRAMENTO, P. "O Diálogo: Documentário e Ficção". 9º Festival Internacional de Documentários. Instituições promotoras/financiadoras: Festival Internacional de Documentários, É Tudo Verdade, ECA/USP - CINUSP/USP - ITAÚ CULTURAL. Debate em 01/04/2004

**HAMBURGER, E.I.** II Seminário Anual do Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva. Debatedora no Painel VII: Violência Sexual contra a Mulher - criança, jovem ou adulta, São Paulo, 23 de novembro de 2004.

**HAMBURGER, E.I.,** PETER, F., ROCHA, E. - "Imagens da modernidade: mídia, consumo e relações de poder". Coordenação de Seminário Temático no XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação -ANPOCS, Caxambú, MG, 2004

**HAMBURGER, E.I.** PETER, F. -"Mercado, Consumo e Mídia: Disputas pela Representação". Coordenação no Fórum Temático no XXIV Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 2004.

**HAMBURGER, E.I.** XV Festival Internacional de Curtas - Metragens de São Paulo - "O video como instrumento no universo da educação". Formação do Olhar; São Paulo; 2004

**HAMBURGER, E.I.** Brazil and the Americas, Convergences and Perspectives; - "Wired up to the world: performance and media in contemporary Brazil". Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Livre de Berlin; Instituto Ibero Americano da Fundação Patrimônio Cultural Prussiano, Berlin, 2004

**HAMBURGER, E.I.** XXI Simpósio Internacional de Iniciação Científica; USP - "Coordenação do Debate no Painel Juventude", São Paulo, 3 a 5 de novembro de 2003.

ORLANDI, J. Z.; CALIL, C.A.M., **HAMBURGER, E.I.** XXI Simpósio Internacional de Iniciação Científica. "O Chapéu do meu avó". Evento Humanas e Humanidades, São Paulo, 3 a 5 de novembro de 2003.

**HAMBURGER, E.I.** XXVII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação - ANPOCS - Pesquisa em Ciências Sociais Debatedora no "GT Violência, Sociedade e Cultura". Coordenado por Sergio Adorno e Maria Filomena Gregori . 2003

**HAMBURGER, E.I.** VII Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema-SOCINE - "Imagens Contemporâneas da Violência e Apropriação de Mecanismos de Produção de Representação. Exposição na mesa temática: Documentário Brasileiro e Violência, Faculdade de Comunicação da UFB; Salvador, Bahia, 2003.

**HAMBURGER, E.I.** Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras - "Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiências e imagens". Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos/IMS/UERJ/ PAGU Núcleo de Estudos de Gênero, UNICAMP; Campinas, 2003.

**HAMBURGER, E.I.** III Semana da Educação. "Educação e Cidadania - Desafios da Formação Docente no Século XXI - Mesa Redonda: "Refletindo sobre a Programação Popular na TV", Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 20 a 24 de maio de 2002.

**HAMBURGER, E.I.,-** "Imagens de conflito e suas representações". 7º Festival Internacional de Documentários. Instituições promotoras/financiadoras: Festival Internacional de Documentários, É Tudo Verdade, ECA/USP - CINUSP/USP - ITAÚ CULTURAL. Mesa em 19/04/2002.

**HAMBURGER, E.I.** II Conferência Internacional do Documentário: Imagens de Conflito -"Políticas da Representação". ". Cinusp Paulo Emílio e Cineclub DirecTV; São Paulo, Mesa 19 e 20/04/2002

**HAMBURGER, E.I.,** Calil, C.A. Anos 70: Trajetórias. Ciclo de Palestras: "Cinema e Televisão", Itaú Cultural, 30 de outubro de 2001.

**HAMBURGER, E.I.** XXIV Reunião Anual da ANPOCS - "Organização da Mesa: 50 anos de TV no Brasil: trajetória e desafios", Petrópolis. 2000

**HAMBURGER, E.I.** 98<sup>th</sup> Annual Meeting American Anthropological Association "Telenovelas bleed: public and private intimacies in Brazil", Chicago, 1999.

**HAMBURGER, E.I.** 49<sup>th</sup> Annual Conference International Communication Association. "Cross-gender and Cross-class interaction with telenovelas: An ethnography of São Paulo Favela and Neighboring Upper-class dwelling" Mesa redonda: The social demographic impact of entertainment television in Brazil, California, 1999.

**HAMBURGER, E.I.** Seminário Saúde Reprodutiva na Esfera Pública e Política na América Latina - "Representações sobre a Reprodução nas Novelas-1990-1997". Promovido pelo Núcleo de Estudos da População - UNICAMP, Campinas, 1999

**HAMBURGER, E.I.** 97<sup>th</sup> Annual Meeting American Anthropological Association - "Politics and intimacy: the agrarian reform in a Brazilian Telenovela". Mesa Redonda: Taking liberties: contesting visions of the civil society project, Philadelphia, 1998.

**HAMBURGER, E.I.** - XXI International Congress Latin American Studies Association - (LASA) Coordenação de mesa: "A cultura Brasileira no ar: the working of the media"., Chicago, 1998.

**HAMBURGER, E.I.** Brazil Center Series " Television in a São Paulo Favela". Promovido por : Brazil Center, University of Texas; Austin, Texas, 1997.

**HAMBURGER, E.I.** XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe, 14 a 18 de abril de 1996, Salvador, BA, 1996.

**HAMBURGER, E.I.** Workshop: Mídia e Saúde reprodutiva no brasil e nos Estados Unidos. "Estratégias de mídia na temática saúde reprodutiva na mulher negra". Promovido por Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, 16 de agosto de 1996

**HAMBURGER, E.I.** II Simpósio Internacional de Telenovela - Participação na mesa-redonda: "A Telenovela na Mídia". ECA-USP; São Paulo, 1996.

**HAMBURGER, E.I.** XIX Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia (Lasa) - "Female and Male, Fiction and News: Blurring gender and genre in Brazilian Television", Athanta, USA, 1995

**HAMBURGER, E.I.** Novas Faces Cidadania: identidades políticas e estratégias culturais - Sessão: "Visibilidade em Questão: Mulheres, Negros e Nordestinos na Mídia". Instituição promotora: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, São Paulo, 1995

**HAMBURGER, E.I.** Encontro Anual da ABEP - Debate: Mídia e População "O Mundo das Telenovelas: Famílias Pequenas e Fragmentadas". Caxambu, MG, 1994

**HAMBURGER, E.I.** Encontro Anual da Intercom - "Vale Tudo e as conseqüências não antecipadas da modernização", Piracicaba, 1994

**HAMBURGER, E.I.** O Papel Social da Mídia e Mudança Demográfica no Brasil - Organizadora do seminário de pesquisa "O papel social da mídia e mudança demográfica no Brasil", promovido pelo Núcleo de Estudos da População, UNICAMP, Campinas, 1993.

## **b) Participação em eventos de divulgação**

**HAMBURGER, E.I.** Priolli, G.; Hoineff, N. - Seminário Internacional Rumos do Jornalismo Cultural. "Jornalismo Cultural e TV". Promovido por Itaú Cultural, de 08 a 10 de dezembro de 2004.

**HAMBURGER, E.I.** Seminário Internacional- Criança e Adolescente na Mídia - Coordenação da Mesa: "A Criança e o Adolescente como Assunto da Mídia". Promovido pelo Laboratório de Pesquisas sobre Infância-LAPIC, Imaginário e Comunicação (ECA-USP); LAPSI, Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção (IPUSP); MIDIATIVA - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes, Sesc Vila Mariana, São Paulo, 2003

**HAMBURGER, E.I.** II Encontro Internacional de Televisão. Debate: "O que é televisão". Promovido pelo Instituto de Estudos de Televisão- IETV, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, 01/12/2003.

**HAMBURGER, E.I.** Diálogos - Televisão: Criação e Crítica - "Reality Shows" **Promoção** :Idart - Divisão de Pesquisas de Comunicação. Centro Cultural de São Paulo; São Paulo, 2002

**HAMBURGER, E.I.** Encontros Com a Televisão Brasileira: Clássicos da Teledramaturgia "A obra televisiva de Dias Gomes". CINUSP Paulo Emílio e Instituto de Estudos de Televisão. Local: Cinusp; São Paulo, 5 a 20 de Setembro de 2002

**HAMBURGER, E.I.** Brazil Week; - "National Representations in Brazilian Telenovelas ". promovido por Brazil Center; UT, Austin, Texas, USA, 1998

**HAMBURGER, E.I.** Festival Internacional de Curtas - "Apresentação do videomaker Hideo Nakasawa". Instituição promotora: Kinoforum, Espaço Unibanco de Cinema, São Paulo, 1996

**HAMBURGER, E.I.** Seminário Brasil-Alemanha - Televisão e Infância. "A televisão e os jovens no Brasil". Instituto Goethe e Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 3 e 4 de junho de 1995.

## **XV. COLABORAÇÕES COM JORNAIS E REVISTAS**

### **A) Caderno "Ilustrada" da Folha de São Paulo**

1993

"Agosto" indica linha que TV pode seguir com mais radicalidade", 09/24/93.

"Baile Caribe" inventa um novo gênero de documentário", 09/30/93.

"Bobes de Elke Maravilha rompem com intimidade das espectadoras", 07/05/93.

"Camera ágil do "Aqui Agora" nem sempre elimina a sensação de vazio", 05/10/93, p. 5-7.

"Coletânea sobre novela deixa perguntas no ar", 07/25/93.

"Culto ao corpo unifica programas e comerciais na Bandeirantes", 06/28/93.  
 "Discrição de Madonna no Brasil contrasta com shows de seus fãs", 11/05/93.  
 "Discurso jornalístico da Globo desarticula seu conservadorismo", 07/09/93.  
 "Documentário histórico ganha um espaço raro na Manchete", 06/07/93.  
 "Documento Especial" permanece previsível ao tratar do amor eterno", 05/24/93.  
 "Entrevistados "comuns" levam a fofoca da vizinha ao horário nobre", 07/01/93.  
 "Fera Ferida" reforça estigma que paira sobre impotência sexual", 12/17/93.  
 "Final de "Renascer" sugere que modernidade possa estar no sertão". 11/15/93, p. 3.  
 "Gazeta Paulista" aposta em jornalismo imaginativo e crítico", 10/05/93.  
 "Globo adota linha asséptica e edificante em sua programação", 10/09/93.  
 "Gourmet" leva arte e cultura culinária às noites de sábado", 11/12/93.  
 "Hebe perde o controle e sala de estar vira arena de discussão", 07/31/93.  
 "Início da minissérie revela sua fidelidade ao romance original", 08/26/93.  
 "Jackson escraviza e confunde TV em sua vinda a São Paulo", 10/19/93.  
 "Lisbela e o Prisioneiro" brinca com espetáculo e a televisão", 09/03/93.  
 "Livro nos EUA discute fenômeno Xuxa", 12/29/93.  
 "Mulheres de Areia" segue com correção o melodrama clássico".  
 "Novela e documentário discutem violência", 12/13/93.  
 "Novelas mexicanas atraem com a oferta de emoções "puras", 05/31/93.  
 "Obsessão pelo corpo invade shows de auditório para crianças e jovens", 06/21/93.  
 "Papagaio Azul" discute absurdo do poder", 10/25/93, p. 4-5  
 "Políticos investem no exibicionismo barato em horário político gratuito", 09/02/93.  
 "Produção cuidada de "TV Escola" devolve sentido à atividade docente", 10/15/93.  
 "Programa Livre" explora limites do brega e livra sábado do tédio", 08/16/93.  
 "Rede Cidade" faz versão ascética e interativa do "Aqui Agora", 09/16/93.  
 "Renascer" prova que TV não é sinônimo de linguagem visual pobre", 08/02/93.  
 "Retrato de Mulher" dialoga com a fantasia das telespectadoras", 09/09/93.  
 "Série japonesa interpreta com imagens eletrônicas o mito Einstein", 10/23/93.  
 "Série mostra o Oriente como um "território do imaginário europeu", 08/09/93.  
 "Sonho Meu" exagera fórmula de conto de fadas e satura emoção." Folha de São Paulo, 10/28/93.  
 "Suspense melodramático toma conta do noticiário sobre PC e corrupção", 12/03/93.  
 "Vídeos do Fórum BHZ no MIS discutem natureza da televisão", 11/20/93, p. 5-13  
 "Vitrine" explora cumplicidade entre produtores e receptores da mídia", 11/26/93,  
 "Você Decide" vira notícia e serve de indicador da opinião pública", 05/17/93.

#### 1994:

"Anos Incríveis" faz rir da vida ordinária", 03/04/94, p. 5-11.  
 "Aumento da Presença negra não derruba mito da democracia racial ", 11/22/94, p. 5-7.  
 "Calor do Carnaval chega gelado na telinha", 02/12/94, p. 5-9.  
 "Éramos Seis" termina com sucesso discreto ", 12/05/94, p.5-6.  
 "Fera Ferida" inova com galã impotente e solteirona liberada", 07/11/94, p. 3-5.  
 "Input 94, no Canadá, destaca os programas que apostam no novo", 05/20/94, p. 5-15.  
 "Input" é vitrine de TVs públicas", 09/11/94, p. 6-11.  
 "Maria Moura" vence ao encarar a feiúra", 06/20/94, p. 5-8.  
 "A mecânica da fascinação ", 12/11/94, p. 6-7.  
 "Nova campanha da Cultura põe em xeque meio televisivo", 01/10/94, p. 5-7.  
 "Poesia e informação interagem na BBC", 06/17/94, p. 5-13.  
 "Preocupação pedagógica não deve impedir inovação na telinha", 06/01/94, p. 5-9.  
 "Programa de Auditório" usa o público para subverter regras", 04/28/94, p. 5-15.  
 "Programação da emissora é acusada de elitismo ", 12/03/94, p. 4-5.  
 "Programas poloneses derrubam mitos comunistas", 06/24/94, p. 5-11. .  
 "Quatro Por Quatro" peca por primarismo", 10/31/94, p. 5.  
 "Reação à morte de Senna cbrigou TV a improvisar como nunca antes", 05/09/94, p. 5-13.  
 "Rede franco-alemã aposta em TV sofisticada ", 12/03/94, p. 4-5.



"Riefenstahl busca absolvição no cinema", 09/05/94, p. A-6.  
"Skidmore organiza coletânea sobre TV", 07/03/94, p. 6-10.  
"Telejornais noturnos erram público-alvo", 01/17/94, p. 5-7.  
"A Viagem" faz folhetim de alta tecnologia ", 10/24/94, p. 5.  
"Vinhetas exploram espacialidade do vídeo", 03/16/94, p. 5-9.  
"Você Decide" adota tom de documentário", 05/02/94, p. 5-11.  
"Xuxa infantiliza adultos em novo programa", 06/28/94, p. 5-8.

## 1995:

"Amizade Colorida" é esmagado pelo tempo ", 04/24/95, p. 5-10.  
"Ataque de evangélicos a Globo é desmentido", 10/11/95, p. 6  
"Brasil vive bombardeio latino-americano", 11/20/95, p. 5-6.  
"Casé resgata a diversidade portuguesa ", 12/25/95, p. 5-6.  
"Cavaleiros do Zodíaco" faz mix mitológico ", 06/12/95, p. 5-8.  
"Censura de novelas sugere onda moralista ", 05/08/95, p. 5-8.  
"Comédia da Vida Privada" é diversão certa ", 08/14/95, p. 5-6.  
"Comercias apelam ao imaginário das praias ", 01/16/95, p. 5-6.  
"Convidados mornos arruinam "talk shows" ", 05/15/95, p. 5-8.  
"Crise também atinge EUA e Europa ", 06/11/95, p. 5.  
"Cultura apresenta Cervantes e negritude ", 12/04/95, p. 5-8.  
"Cultura é a única TV pública que deu certo ", 05/29/95, p. 5-6.  
"Decadência" gera protesto e desconforto ", 09/18/95, p. 5-8.  
"Dinamarquês faz mistura de filme e vídeo ", 08/26/95, p. 5-6.  
"Engraçadinha" perde força claustrofóbica ", 05/01/95, p. 5-8.  
"Espanha abre mostra de TV pública ", 05/13/95, p. 3-5.  
"Falta de assunto é a marca do dia das crianças na TV ", 10/16/95, p. 5-8.  
"Falta humor em 'Sangue do meu Sangue'", 07/17/95, p. 5  
"Falta ousadia às inovações da Globo ", 07/03/95, p. 5-6.  
"Festival mostra programas internacionais ", 08/07/95, p. 5-8.  
"Filme critica cumplicidade com a mídia ", 04/17/95, p. 5-8.  
"Filme reafirma o fascínio das aparências ", 03/20/95, p. 5-6.  
"Gays e lésbicas buscam seu lugar na mídia ", 06/26/95, p. 5-6.  
"Globo falha ao separar ficção da realidade ", 01/31/95, p. 5-6.  
"Globo faz propaganda da imigração", 01/09/95, p. 5.  
"Globo Repórter" sobre o aborto acerta", 11/13/95, p. 5-8.  
"Guias de TVs pagas melhoram serviço ", 10/02/95, p. 5-8.  
"Hebe" é versão ao vivo da charge política ", 03/06/95, p. 5-8.  
"Imagens da violência deixam de sensibilizar", 09/04/95, p. 5  
"Irmãos Coragem" reforça contradições ", 01/04/95, p. 5.  
"Jornal Nacional" precisa se reinventar ", 01/23/95, p. 5-8.  
"Livros descortinam o nascimento da TV ", 06/19/95, p. 5-6.  
"Marcelo Tas inova em comentário esportivo ", 07/10/95, p. 5.  
"Minissérie se rende à grandeza do cinema ", 11/27/95, p. 5-8.  
"Moda fica confinada a "universo encantado", 06/05/95, p. 5-6.  
"Mudanças nos telejornais tornaram todos parecidos ", 10/30/95, p. 5-8.  
"Novo 'talk show' pode estimular renovação ", 03/27/95, p. 5-10.  
"Pátria Minha" traz nova polêmica à tona ", 02/06/95, p. 5-6.  
"Pátria Minha" violenta tempo do folhetim ", 03/13/95, p. 5-8.  
"Perversões ocultas", 11/19/95, p. 5-6.  
"Programa desperdiça talento de Gabi ", 04/10/95, p. 5-6.  
"A Próxima Vítima" mostra tensão urbana ", 03/14/95, p. 3-8.  
"A Próxima Vítima" parou até as saunas ", 11/06/95, p. 5-6.  
"Quatro por Quatro" supera fragilidade ", 02/27/95, p. 5-10.  
"Record inventa estilo religioso de fazer TV ", 02/20/95, p. 5-6.

"Rainha e princesa das crianças devem humor", 10/14/96, p. 4.  
 "Rei do Gado" é "Quadrilho" na TV", 06/19/96, p. 4-5.  
 "Rio Cine 96 contribui para discussão da TV", 06/10/96, p. 4-6.  
 "SBT ainda mantém coerência em seu estilo", 12/16/96, p. 4-6.  
 "Série do GNT revive a morte de Getúlio Vargas", 08/19/96, p. 5-6.  
 "Só vencerá a guerra das novelas quem ousar", 05/13/96, p. 4-6.  
 "'Tanta emoção, é como se você estivesse lá'", 10/21/96, p. 4.  
 "Futebol nas emissoras deixa a desejar ", 02/05/96, p. 5-6.  
 "TVs ainda não exploram recursos da Internet", 12/30/96, p. 4.  
 "TVs exploram o lado sanguinolento do caso PC", 07/01/96, p. 4.  
 "Violência armada vira recurso de emissoras", 02/26/96, p. 5-6.  
 "Você Decide" promove conciliação ambígua", 11/25/96, p. 4-6.  
 "VR Troopers" mostra violência gratuita", 05/20/96, p. 4-6.  
 "Xica da Silva" não valoriza debate da negritude", 11/18/96, p. 4

### 1997:

"Agente 86" serve de refresco no pós-guerra fria ", 04/28/97, p. 4-10.  
 "Assista TV!" diz campanha promocional nos EUA ", 08/25/97, p. 4-5.  
 "Biblioteca da periferia ganha visibilidade com a TV", 02/10/97, p. 4-5.  
 "Brasil Verdade" que "civilizar" a violência", 02/24/97, p. 4.  
 "Concessões não redimem TV norte-americana", 11/24/97, p. 4-5.  
 "Curtas representam o Brasil em festival francês", 05/12/97, p. 4-5.  
 "Desenhos de 30 anos atrás são menos maniqueístas", 12/08/97, p. 4-5.  
 "Episódio de "E.R." gravado ao vivo decepciona ", 09/29/97, p. 4-5.  
 "Família Twist" causa estranhamento por aqui ", 02/03/97, p. 4.  
 "Ficção e realidade viram assunto judicial ", 01/13/97, p. 4.  
 "Final de "Seinfeld" acirra competição nos EUA", 12/29/97, p. 4-5.  
 "Final de "O Rei do Gado" foi fiel ao melodrama", 02/17/97, p. 4-8.  
 "Imagens de Diadema destampam revolta secular", 04/07/97, p. 3-4.  
 "Indústria pornô excita livremente os sentidos ", 05/19/97, p. 4-5.  
 "Intrigante civilização luso-tropical", 08/10/97, p. 5-8.  
 "Jornalismo-verdade" beira a ficção no vídeo", 03/10/97, p. 4-6.  
 "Julgamento de Pádua desafia poder da TV", 01/27/97, p. 4.  
 "A Justiceira" é espelho distorcido da violência", 06/23/97, p. 4-5.  
 "Lançada nova "Enciclopédia de Televisão", 10/20/97, p. 4-5.  
 "Liberty" opta por heroísmo na revolução de 1776", 12/01/97, p. 4-5.  
 "Linguagem de "Comédia" beira rococó high tech", 05/05/97, p. 4-5.  
 "Memórias de Durst podem recontar história da TV ", 09/01/97, p. 4-5.  
 "Negros ainda engatinham na TV brasileira ", 12/22/97, p. 5-6.  
 "Negros estão em evidência na TV americana", 09/22/97, p. 4-5.  
 "Nos EUA, "Gugu" e "Faustão" são bem-comportados ", 11/03/97, p. 4-5.  
 "Nos EUA, TV é ampulheta estridente do cotidiano ", 08/04/97, p. 4-5.  
 "Novela fragiliza limites entre notícia e ficção", 01/20/97, p. 4.  
 "'Os Ossos do Barão' inaugura padrão", 05/01/97, p. 4-5.  
 "Personagem de novela homenageia senador ", 01/06/97, p. 4-8.  
 "Politicamente Incorreto" traz descontração ", 08/18/97, p. 4-5.  
 "Prestes" mostra caminho natural do líder popular", 03/24/97, p. 4-10.  
 "Programa GLS dos EUA comemora 5 anos ", 09/08/97, p. 4.  
 "Público de "Você Decide" opta por execução sumária ", 04/21/97, p. 4.  
 "Reportagens do "Vitrini" dão ar mais pessoal à TV", 06/02/97, p. 4-5.  
 "Série ilustra riqueza de espaços públicos de NY ", 11/10/97, p. 4-5.  
 "Série nos EUA reproduz o imaginário latino ", 10/27/97, p. 4-5.  
 "Sobrinhos do Ataíde dão o tom ao "MTV Rock e Gol", 06/30/97, p. 4-5.  
 "Suicídio coletivo revela tecnologia permeável ", 03/31/97, p. 4.

"Telejornais correm atrás da notícia alternativa", 03/17/97, p. 4.  
 "Telejornais promovem festival de tiroteios", 05/26/97, p. 4-5.  
 "Telejornal da Univision é o mais cosmopolita", 12/15/97, p. 4-5.  
 "Temporada na TV dos EUA começa agora ", 09/15/97, p. 4-5.  
 "Time" saúda "novidade velha" da novela brasileira", 06/09/97, p. 4-5.  
 "TV enfrenta censura política nos EUA", 10/13/97, p. 4-5.  
 "TV pede reelaboração contínua de atualidade". Folha de São Paulo, 11/17/97, p. 5-4.  
 "TV pública dos EUA exhibe "Hoop Dreams" feminino ", 08/11/97, p. 4-5.  
 "TV rompe invisibilidade de abusos escabrosos", 04/14/97, p. 4.  
 "TV UOL antecipa integração de todos os meios ", 06/16/97, p. 4-5.  
 "TVE quer dar novo sentido à emissora pública", 03/03/97, p. 4-10.  
 "Wired diz que Rede Globo não é padrão", 10/09/97, p. 4-5.

## 1998:

"Ally McBeal provoca com delicadeza", 06/12/98, p. 3  
 "Audiência das grandes redes cai nos EUA ", 29/11/98, p. 15.  
 "Canal latino lidera Copa nos EUA ", 12/07/98, p. 4.  
 "Canal NY1 é "Aqui, Agora" mais comportado ", 12/01/98, p. 4.  
 "Cartoon une polêmica a consumo ", 10/05/98, p. 19.  
 "Caso Clinton é melodrama "federal", 20/12/98, p. 7.  
 "Caso Lewinsky funde realidade e ficção na TV ", 23/08/98, p. 19.  
 "Clinton vira "rei" da mídia na China ", 05/07/98, p. 4.  
 "CNN expõe opinião dividida dos americanos", 23/02/98, p. 4.  
 "CNN ressuscita a "Voice of America", 04/10/98, p.19.  
 "Companheiro" não convence crítica dos EUA ", 16/02/98, p. 4.  
 "Crianças cruéis são o segredo de "South Park", 02/03/98, p. 4-5.  
 "Daniella Perez, Bill Clinton e a mídia ", 18/10/98, p. 19.  
 "Documentário revela novo caubói", 05/04/98, p. 19.  
 "Domingo de paz (e suspense) nos EUA", 22/11/98, p. 11.  
 "Emissoras fazem auto-análise no caso Clinton ", 02/02/98, p. 4.  
 "EUA acompanham passagem do ano pela TV", 05/01/98, p. 4.  
 "EUA cultuam atores-personagens", 28/06/98, p. 4.  
 "EUA e França têm produtoras estatais ", 13/09/98, p. 19.  
 "EUA não narram gol do Brasil ", 14/06/98, p. 4.  
 "Felicity" lidera entre jovens ricos ", 13/12/98, p. 15.  
 "Fora do Ar" revela truques da TV ", 30/08/98, p. 7.  
 "Futebol americano é paixão nacional e vale ouro ", 19/01/98, p. 4.  
 "Indicado ao Oscar faz elogio ao vídeo", 29/03/98, p. 19.  
 "Larry Sanders" acaba nos EUA ", 07/06/98, p. 19.  
 "Lewinsky é paradoxo americano ", 27/09/98, p. 7.  
 "Livro analisa mercantilismo da TV dos EUA ", 06/09/98, p. 19.  
 "Local se impõe sobre o global", 22/03/98, p. 19.  
 "Manhattan" liga Brasil aos EUA", 19/07/98, p. 4.  
 "Montanha-russa gera emoção via TV", 31/05/98, p. 8.  
 "Morre nos EUA pioneiro dos documentários ", 09/03/98, p. 4-5.  
 "Murphy Brown" sai por baixo", 24/05/98, p. 19.  
 "Museu homenageia "I Love Lucy", 09/08/98, p. 19.  
 "O que une "Truman Show" a Ratinho", 08/11/98, p. 15.  
 "O real e o falso nos "reality-shows", 25/10/98, p. 7.  
 "Oprah Winfrey é incansável promotora do bem", 26/01/98, p. 4.  
 "Para ser popular não precisa ser podre ", 15/11/98, p. 15.  
 "Pernalonga fica politicamente correto", 01/11/98, p. 15.  
 "Ratinho dos EUA conquista jovens ", 19/04/98, p. 4.  
 "Scooby é o herói sem caráter do norte", 11/10/98, p.19

"Sensual", Ally McBeal é a série da temporada", 09/02/98, p. 4.  
"Série milionária revê corrida espacial", 12/04/98, p. 19.  
"Série teen dos EUA é "Malhação" sutil ", 20/09/98, p. 19.  
"Sigilo marca o fim de "Seinfeld", 26/04/98, p. 19.  
"Substituta de "Seinfeld" tem humor chocho ", 16/08/98, p. 19.  
"Sundance põe no ar cinema independente ", 02/08/98, p. 19.  
"Telejornalismo exhibe discrepância", 03/05/98, p. 18.  
"Truman Show" discute o fascínio ", 21/06/98, p. 4.  
"Videasta italiano expõe em NY ", 26/07/98, p. 19.  
"Videoarte se contrapõe à TV ", 17/05/98, p. 19.

## 1999:

"Como Ser Solteiro", a série, é programa divertido na TV paga", 11/11/99, p. 4-5.  
"Competição espiritual no mercado livre da fé", 06/06/99, p. 5-6.  
"Estudos mostram limites e potencialidades da televisão", 04/12/99, p. 4-6.  
"EUA "alfabetizam" a televisão", 17/01/99, p. 15.  
"EUA dão destaque inédito ao Brasil", 24/01/99, p. 15.  
"Feminino é variado e morno". 16/11/99, p. 3-6.  
"Filme une romance e tecnologia", 14/02/99, p. 15.  
"Globo de Ouro premia julgamentos", 31/01/99, p. 15.  
"Iluminismo à americana". República, v. Ano 3, n. No 36, 10/99, p. 36-37.  
"Novos santos contra o dragão da maldade". Bravo! p. 117-119.  
"O cinismo vira receita de sucesso", 26/10/99, p. 3.  
"Olhares para o idoso", 10/12/99, p. 4-10.  
"Pokémon" é auto-ajuda para crianças", 10/10/99, p. 6.  
"Programa celebra a arte negra", 07/02/99, p. 15.  
"Redes culpam público por baixo nível", 11/08/99, p. 4-7.  
"Sou Positivo" provoca ao tratar da Aids", 19/10/99, p. 3-4.  
"Sucesso de "Teletubbies" é mistério", 10/01/99, p. 15.  
"Terra Nostra" acerta sem ousar", 22/09/99, p. 4.  
"Tiro e Queda" subestima a capacidade do telespectador", 16/09/99, p. 4  
"Uma Carta sem Palavras" une duas gerações", 04/08/99, p. 2.

## 2000:

" + 3 Questões", 03/09/00, p. 2.  
"Altas Horas" repete velhas fórmulas de Groissman ", 17/10/00, p. E7.  
"Aquarela do Brasil" une ficção e documentário na guerra por audiência ", 24/08/00, p. E5.  
"Brava Gente" foge da mediocridade das fórmulas ", 28/12/00, p. E4.  
"Cultura mostra documentário sobre a formação do Brasil ", 18/09/00, p. E6.  
"Curta os Excluídos" no Unibanco", 04/02/00, p. 5-6.  
"Existir está condicionado a "ser reconhecido" ", 20/01/00, p. 5.  
"Festas revelam 500 Brasileiros na TV", 25/04/00, p. 4-5.  
"Filme penetra no espírito dos Filhos de Gandhi ", 01/03/00, p. 4-5.  
"Globo Rural" merecia horário melhor ", 05/01/00, p. 4.  
"Infantis mimetizam preconceitos dos adultos ", 23/01/00, p. 2.  
"Laços" é folhetim comercial e competente", 07/06/00, p. E8.  
"No Limite" troca aventura por gincana circense ", 25/06/00, p. E3.  
"O tal do "target", 16/04/00, p. 2.  
"Os astronautas de "A Muralha", 27/02/00, p. 2.  
"Oscar 2000 fica mais "clean". 28/03/00. p. 4-5.  
"Qual é o futuro da novela? " Folha de São Paulo, 16/09/00, p. Especial-7.  
"Quem globaliza quem? " Folha de São Paulo, 12/02/00, p. 5.  
"Ressaca dos 500", 30/04/00. p. 2.

"Série "50 Anos de TV" não faz jus à grandeza do veículo", 17/03/00, p. 4-5.  
"Soninha segura programa, mas não impede clichê ", 09/08/00, p. E7.

## 2001:

"Anita marca presença somente no final", 09/08/01, p. E5.  
"Cineminha na TV", 09/06/01, p. Especial - 3.  
"Ecologia espiritual da novela não responde aos anseios do mundo", 14/03/01, p. E4.  
"Evento só varia em detalhes ", 27/03/01, p. E3.  
"Minissérie "Os Maias" tem início com capítulo um pouco irregular", 11/01/01, p. E3.  
"No Limite 2". pobre de espírito, inspira tédio de domingo ", 30/01/01, p. E3.  
"Novela das sete busca opção ao óbvio ", 29/08/01, p. E4.  
"O construtor do Império", 02/12/01, p. 5-6.  
"Pílulas de curiosidades", 11/02/01, p. 2.  
"Porto dos Milagres" agrega clichês bem-feitos", 07/04/01, p. E4.  
"Reality show" banaliza o amor", 04/03/01, p. 2.  
"Televisão: A arena da cultura contemporânea". Jornal do Brasil, 15/09/01, p. 1-2.  
"Um futuro desencantado", 28/10/01, p. 17.

## 2002:

"Ator preferia teledramaturgia ao cinema ", 01/06/02, p. E10.  
"Beijo" peca na dosagem de elementos ", 28/08/02, p. E4.  
"Busca pelo sucesso atropela talento musical em "Fama" e "Popstars" ". 30/04/02, p. E3.  
"Canal Universitário contribui pouco", 25/11/02, p. E6.  
"Cerimônia do Oscar pós-11 de setembro valoriza discursos ", 26/03/02, p. E1.  
"Cidade" extrapola realismo com humor ", 17/10/02, p. E6.  
"Clima morno não contribuirá para sucesso de "Coração de Estudante" ", 08/03/02, p. E2.  
"A comunidade imaginária ", 31/03/02, p. 10.  
"Depoimentos revelam universo oculto", 26/08/02, p. E6.  
"Depois de 11/9, TV sofre ataque multimídia", 13/09/02, p. E10.  
"A disputa pelos pobres na TV", 02/09/02, p. E6.  
"Drama vai a novo território imaginário ", 13/06/02, p. E8.  
"Esperança" estréia sem empolgação." Folha de São Paulo, 19/06/02, p. E3.  
"Excesso de produção anula emoção da final de "Big Brother" ", 03/04/02, p. C5.  
"Fantástico" destaca sotaque regional ", 25/12/02, p. E6.  
"Formato sofre com esgotamento precoce ", 22/05/02, p. E6.  
"Marisol" peca por falta de frescor ", 11/04/02, p. E3.  
"Nossa TV", 09/11/02, p. Especial - 4.  
"Os formatos da intimidade", 24/02/02, p. 18-19.  
"Osbornes" edita seriados à la videoclipe ", 09/05/02, p. E9.  
"Programa começa frio e artificial ", 01/02/02, p. E3.  
"Programa feminino quer provocar, mas usa formato morno ", 24/04/02, p. E5.  
"Regina Casé usa comédia como "punição", 20/08/02, p. E4.  
"Sabor" evidencia contraste extremado ", 02/10/02, p. E6.  
"Seriado dissecas perversidades da vida privada e familiar americana ", 27/04/02, p. E5.  
"Série Band of Brothers transmite uma sensação de cruzeza brutal ", 23/03/02.  
"Tramas do espetáculo", 15/09/02, p. 12.  
"Uma chance rara de ver Escorel ", 09/10/02, p. E10.

## 2003:

"Aqui Favela" indica mudança de símbolos ", 19/11/03, p. E10.  
"Beijo" exprime desejo de reestruturar família ", 28/04/03, p. E6.  
"Big Brother" é versão fútil do cotidiano ", 22/01/03, p. E6.  
"A celebridade é instável e depende de pactos ", 01/10/03, p. E8.

"Celebridade" trafega entre crítica e cinismo", 15/10/03, p. E8.  
 "Chocolate" remete aos primórdios do gênero ", 10/09/03, p. E10.  
 "Cidade dos Homens" extrapola o morro ", 22/10/03, p. E8.  
 "Conflito no Iraque desmistifica a televisão", 31/03/03, p. E6.  
 "Dan Rather encarna o herói-jornalista ", 03/03/03, p. E6.  
 "Dicionário recupera a história da TV", 21/07/03, p. E6.  
 "Em tempo de dificuldades, reprises imperam ", 12/05/03, p. E8.  
 "Em tempo de guerra, TV reproduz timidez ", 17/03/03, p. E6.  
 "Falcão" e MV Bill frustram expectativas ", 06/08/03, p. E8.  
 "Falta fantasia ao "Programa do Ratinho" ", 26/05/03, p. E6.  
 "Faltam mecanismos para a lisura na TV ", 24/09/03, p. E6.  
 "Galera" é "Malhação" com menos glamour", 17/12/03, p. E6.  
 "Grade irregular revela hesitação", 07/04/03, p. E6.  
 "Guerra acontece na formação da opinião ", 05/02/03, p. E6.  
 "Imagens de Uday e Qusay são esforço de recompor vítimas ", 28/07/03, p. E6.  
 "Incoerência prejudica "Sexo Frágil" ", 29/10/03, p. E8.  
 "Literatura ganha espaço na TV ", 10/12/03, p. E10.  
 "Mostra remete aos primórdios da televisão ", 12/11/03, p. E10.  
 "MTV abre o jogo para qualquer assunto ", 08/10/03, p. E10.  
 "Mulheres" atualiza o imaginário masculino ", 09/06/03, p. E10.  
 "Mulheres" flerta com prestação de serviço ", 20/08/03, p.p. E8.  
 "Mulheres" reforça opção folhetinesca ", 19/02/03, p. E6.  
 "Na TV, 2002 foi o ano do "reality show" ", 08/01/03, p. E6.  
 "Noticiários invadem a teledramaturgia ", 17/09/03, p. E10.  
 "Novos modelos desafiam futuro da TV", 05/11/03, p. E12.  
 "O Carnaval como metáfora de energia ", 10/03/03, p. E8.  
 "O Jogo" tem modelo de gincana colegial ", 02/06/03, p. E8.  
 "O perigo entre a performance e o bastidor ", 07/07/03, p. E6.  
 "Os limites do melodrama", 05/10/03, p. 9.  
 "Os novos guardiões das escrituras", 21/04/03, p. E6.  
 "Processo de "abertura" sinaliza novos tempos ", 13/08/03, p. E8.  
 "Programa "A Diarista" aborda boa idéia sem chegar lá", 24/12/03, p. E6.  
 "Rainha da televenda não fica só no papo ", 16/06/03, p. E8.  
 "Rede regional pode se tornar alternativa ", 27/08/03, p. E10.  
 "Redes de TV ignoram apelo popular", 24/03/03, p. E6.  
 "Religião toma conta do horário nobre ", 26/11/03, p. E10.  
 "Seriado "Os Normais", da Globo, une documentário e ficção ", 14/04/03.  
 "Sex" compõe painel desolador das relações ", 23/06/03, p. E8.  
 "Sistema de TV digital sinaliza mudanças ", 30/06/03, p. E6.  
 "Turma do Gueto" cai no clichê melodramático", 19/05/03, p. E8.  
 "A Turma do Gueto" sintoniza mudanças ", 14/07/03, p. E8.  
 "TV é a arena dos conflitos múltiplos ", 03/09/03, p. E8.  
 "TV embarca na reprodução humana ", 05/05/03, p. E6.  
 "Vida animal ganha espaço na televisão ", 03/12/03, p. E10.  
 "Yu-gi-oh" aponta para mudanças na TV ", 24/02/03, p. E6.

## 2004:

"Ágil, "Jornal da Band" busca personalidade", 17/03/04.  
 "Agilidade garante sucesso de novela das sete", 11/08/04.  
 "Ancinav resulta de explicitação de conflitos", 01/12/04.  
 "Animação vive surto tardio no Brasil", 05/05/04.  
 "Aparelhos de TV contrastam com programas ", 21/01/04.  
 "Autores de novela são deuses alternativos ", 10/11/04.  
 "Bate papo morno substitui o mundo cão ". 04/08/04.

"BBC aponta saídas para o modelo estatal ", 25/02/04.  
"Brasil tem seu primeiro ombudsman de TV ", 22/09/04.  
"Cabocla" foge de fórmula "realista" ", 12/05/04.  
"Coletânea destaca o social nas telas", 08/05/04, p. E4.  
"Como uma Onda" prega estilos alternativos ", 24/11/04.  
"Cultura conquista espaço na agenda social ", 28/07/04.  
"Da Cor do Pecado" evita inquietações", 28/01/04.  
"Debate sobre audiovisual privilegia cinema ", 18/08/04.  
"Desenho "Samurai Jack" explora o inusitado ", 13/10/04.  
"Distribuição de aparelhos marca desigualdade social e regional ", 18/04/04, p. E8.  
"Enlatados" recheiam "Casos da Vida Real", 07/01/04, p. E10.  
"Falta irreverência a "Senhora do Destino" ", 30/06/04.  
"Falta temperatura ao modelo independente ", 11/02/04.  
"Guerra na favela transfigura telejornais", 14/04/04.  
"Hiperatividade contagia as novelas ", 27/10/04.  
"Indefinições marcam celular com TV no Brasil", 05/01/04.  
"Indícios de ebulição cercam criação da Ancinav", 08/12/04.  
"Maluf é mestre midiático perante câmeras", 02/06/04.  
"Maluf enfrenta a mídia com prepotência ", 21/07/04.  
"Marketing social empobrece ficção na TV ", 31/03/04.  
"Maturidade guia "Cidade dos Homens" ", 24/09/04.  
"Modelo de televisão brasileira está esgotado ", 14/07/04.  
"Myriam Muniz e o desconforto com a TV", 29/12/04.  
"Na Band, Marlene se revela por inteiro ", 03/03/04.  
"Na chuva, "Cidade Alerta" acha seu papel ", 04/02/04.  
"Nostalgia e varejo estridente recomeçam ", 01/09/04.  
"Nova série alerta sobre o excesso de peso", 17/11/04.  
"Novela "Celebridade" mimetiza conservadorismo ", 23/06/04.  
"O que se vê por trás do nacionalismo na TV ", 18/02/04.  
"Pânico" desconstrói técnicas televisivas ", 28/04/04, p. E10.  
"Povos de São Paulo" desvenda metrópole ", 22/12/04.  
"Projeto ameaça a liberdade de expressão", 15/12/04.  
"Reality shows" não substituem a ficção ", 14/01/04, p. E6.  
"Seriado tem alternativas ao padrão da TV ", 03/11/04.  
"Sex" encontra convencional final feliz ", 25/08/04.  
"Sexo verbal é o trunfo de "Sex and the City" ", 10/03/04.  
"Sexualidade conquista registro escancarado", 09/06/04.  
"Temporada 2004 não cumpre promessas", 24/03/04.  
"Tom Cavalcante estréia brega e sem graça ", 29/09/04.  
"Tom discreto faz "Big Brother" persistir", 08/04/04.  
"Tradição garante sucesso de "Grande Família", 16/06/04.  
"TV Al Jazira mostra outro mundo árabe ", 20/10/04.  
"TV precisa de alternativas à violência", 19/05/04.  
"TV pública deve mostrar independência", 21/04/04.  
"TVs não acompanham internet no Brasil ", 06/10/04.  
"Violência da vida animal aparece ordenada ", 26/05/04.  
"Violência é perversamente traduzida na TV ", 15/09/04.  
"Visão invertida marca retrato da história ", 07/07/04.

## 2005:

"24 Horas" explora medo pós-11 de Setembro", 27/04/05.  
"América" prioriza aparência a conteúdo", 16/03/05.  
"Band faz "Floribella" e perde identidade", 06/04/05.  
"Corte na Ancinav põe audiovisual em risco ", 19/01/05.

"Curta Criança" estimula novos talentos", 09/02/05, p. E6.  
"De início frio, "BBB 5" engatinha no agito", 12/01/05.  
"Exagero bate recordes na novela das oito", 02/02/05.  
"Lost" ganha audiência com padrão de novela ", 23/03/05.  
"Mad Maria" se perde na floresta e dilui dificuldades da epopéia", 27/01/05.  
"Nova novela apela para subúrbio emergente", 20/04/05.  
"Papa vira espetáculo, e chacina é esquecida", 13/04/05.  
"Personagens "incorretos" dão audiência a novela", 09/03/05.  
"Símbolos em rotação ", 06/02/05.  
"Televisão afugenta migração nordestina", 16/02/05.  
"TV explora a história dos conflitos da terra", 23/02/05.

## **B) Revista Eletrônica Tropicó (<http://pphp.uol.com.br/tropico>)**

### **2001:**

"Chega ao fim a era das novelas". 18/01/2001.  
"FHC fala sobre os medos do Brasil e diz que teme envelhecer". Entrevista. 08/10/2001

### **2002:**

"A produção da violência". Entrevista 05/02/2002  
"TV sem moralismo". 30/04/2002  
"Tudo é reality". 24/07/2002  
"O debate frio dos presidenciáveis". 07/08/2002  
"A desimportância política da televisão". 18/09/2002  
"A força política das atrizes". 18/10/2002  
"Lula, o preferido da Globo". 08/11/2002  
"Quanto as TVs abertas fecham os olhos". 21/11/2002

### **2003:**

"Governo novo, audiovisual novo". 08/01/2003  
"A televisão desglobalizada". 30/01/2003  
"Dramas do cotidiano, tragédia de um gênero". 21/02/2003  
"A guerra de "Caramuru". 10/04/2003  
"A guerra da imprensa". 10/04/2003  
"Novos rumos para o audiovisual". 05/05/2003  
"11 de setembro e a guerrilha do espetáculo". 12/09/2003  
"O grande momento da TV digital". 11/11/2003

### **2004:**

"A esquizofrenia das imagens". 02/11/2004  
"As ilusões perdidas". 15/01/2004



## **XVI. COMENTÁRIO DE UMA TRAJETÓRIA**

Minha trajetória intelectual, desde a graduação no então Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, até o exercício da carreira docente no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes, passando pelo mestrado em sociologia, na mesma universidade, pelo doutoramento em antropologia na Universidade de Chicago, pelo pós-doutoramento em Antropologia e Demografia na Universidade do Texas, Austin e por quinze anos de formação e exercício profissional como assistente de pesquisa, bolsista e pesquisadora no ambiente interdisciplinar do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), é marcada pela busca do embate, teórico e prático, com os paradoxos colocados para as Ciências Sociais contemporâneas, pela re-configuração das relações entre Estado, Cultura e Sociedade, pela crise das ideologias e das formas institucionais do fazer política, pela insatisfação com modelos clássicos de explicação da ação e da transformação social, pelo questionamento do papel do pensamento intelectual e da expressão estética nesse movimento e pelo reconhecimento da emergência da cultura como campo privilegiado da ação social. Essas preocupações perpassam a minha produção acadêmica, norteando minhas opções por determinados temas e abordagens, na dissertação de mestrado, na tese de doutoramento, que sai em formato de livro ainda nesse mês de agosto, nos inúmeros artigos e capítulos de livro, intervenções em congressos, disciplinas ministradas na graduação e pós-graduação nos últimos 5 anos. Essas questões inspiram também a atividade jornalística que venho desempenhando nos últimos 15 anos e que reconheço como componente intrínseca da minha atividade profissional, elemento de intervenção na vida pública e de divulgação, que ao mesmo tempo alimenta a atividade de pesquisa e investigação acadêmica. Essa atividade jornalística se iniciou com a feitura e publicação de entrevistas com pensadores de referência na cena contemporânea, como François Furet ou Adam Przeworski, uma forma de fruir de maneira diversificada e compartilhar um pouco da intensa vida intelectual na Universidade de Chicago. Minha pesquisa de campo sobre a produção e recepção de novelas de televisão me levou a iniciar atividade crítica sistemática no jornal, que encarei como uma parte de meu caderno de campo, parcialmente pública. Essa inserção no jornal facilitou a observação participante em um campo resistente à investigação como é o da indústria de televisão no Brasil. As novelas, enquanto folhetins eletrônicos, feitos ao mesmo tempo em que

vão ao ar, estão no centro de um “sistema” de produção, que inclui uma série de pressões e indicadores e mecanismos de sondagem de opinião, inclusive, embora com força ínfima, a crítica de jornal.

Minha experiência acadêmica se iniciou em 1978, quando ingressei no curso de graduação no Departamento de Ciências Sociais da FFLCH. Já no segundo semestre do curso, vivi minha primeira experiência de pesquisa, participando, como entrevistadora, de extenso levantamento sobre comportamento eleitoral, coordenado pelo professor Bolívar Lamounier, então associado ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, CEBRAP. Ainda durante a graduação, fui estagiária na Fundação Seade e na Fipe. Participei também da fundação de um Centro de Pesquisa estudantil a serviço de organizações do movimento popular, sob a orientação do Professor Reginaldo Prandi. Durante esse período militei no movimento estudantil, tendo sido diretora do Centro Acadêmico (Centro Universitário de Pesquisa e Estudos Sociais – CEUPES), representante da escola no congresso de re-fundação da União Nacional dos Estudantes, em Salvador e representante discente na Congregação da Faculdade.

Iniciei minha carreira profissional na Prefeitura do Município de São Paulo, durante o primeiro governo de oposição, onde trabalhei em uma equipe da Secretaria do Planejamento encarregada de promover e incorporar a participação popular em experiências pioneiras de planejamento e coordenação da ação pública a nível local. A frustração com as imensas dificuldades envolvidas na difícil tarefa de transformar a forma e o conteúdo das ações da administração pública, já naquela época dividida pela ação fragmentada de inúmeras agências, disputadas por diferentes corporações, grupos políticos, ou redes de corrupção, que, ao invés de atuar conjuntamente, disputavam a atenção e lealdade de uma rede de lideranças locais, por sua vez também fragmentada de acordo com interesses corporativos e grupos políticos, e formatada de acordo com as divisões administrativas das agências públicas, me levou a optar pela pesquisa acadêmica.

Ingressei na pós-graduação em 1983 no programa de sociologia, sob a orientação do Prof. Azis Simão. Em 1985 comecei a trabalhar como assistente de pesquisa no Cebrap, na área de Cultura e Política, então coordenada pela professora Ruth Cardoso, em projetos voltados justamente à investigação das relações complexas que se estabeleciam entre diferentes e ativos movimentos sociais locais, organizados em torno de reivindicações urbanas as agências públicas. A atuação e observação das relações da prefeitura com os movimentos sociais urbanos de base local me

estimularam a refletir sobre a redefinição das relações entre Estado e sociedade, que o emaranhado de movimentos, partidos, e agências públicas sugeria. Ao invés da separação clara entre as duas esferas, laços diversos se estabeleciam entre movimentos urbanos, lideranças políticas, parlamentares e governantes situados em diferentes instâncias do governo. Movimentos por creche, associações de moradores de favela, clubes de mãe, se constituíam, em interlocução privilegiada com determinados órgãos da administração pública, como a Secretaria Municipal de Bem Estar Social. Já as mais convencionais Sociedades de Amigos de Bairro e as Associações de Moradores, dirigiam suas reivindicações às Administrações Regionais. A comparação entre as diferentes práticas que constituem uma complexa rede de relações envolvendo órgãos e movimentos diversos é sugestiva para se compreender os desafios da política, da sociedade e da cultura contemporânea.

A rivalidade entre os movimentos reproduzia a rivalidade entre agências públicas onde trabalhavam profissionais com diferentes perfis e ideologias. Enquanto as superintendências de bem estar social eram controladas por assistentes sociais, em sua maioria mulheres, as administrações regionais eram domínio de engenheiros, muitos dos quais, homens. As primeiras se relacionavam intensamente com diversos organismos ligados à igreja católica e a partidos políticos de esquerda, as últimas estavam sob a influência de partidos e lideranças que até recentemente haviam apoiado o regime militar. As disputas entre diferentes órgãos públicos se revelavam, com raras exceções, mais fortes do que as intenções do novo governo em promover a participação no planejamento da ação de uma administração que pretendia romper com o descaso pelas classes populares. Longe de uma administração pública unificada em torno de projetos de governo, o que se verificava, já naquela época, era a competição entre forças políticas, grupos de influência, instituições religiosas, redes de corrupção, lideranças pessoais, em fim, uma gama bastante variada de situações que, em todo o caso, dificultava análises baseadas em modelos que fariam supor linhas demarcatórias claras entre de um lado o Estado e de outro a sociedade. A complexidade que caracterizava a política local revelava também que o emaranhado de relações que vigoravam na cidade dificilmente poderia ser entendido com base em paradigmas que supunham ação unificada das agências públicas que constituíam o poder executivo municipal. Tampouco os partidos políticos, de direita ou de esquerda, revelavam alguma unidade ideológica ou de ação que os qualificasse como princípio de explicação da ação social. Tendências à fragmentação se revelavam invariavelmente

mais fortes do que as tentativas, em geral fracassadas, de elaboração de planos urbanos que extrapolassem, em alguma medida, a lógica limitada que prendia cada movimento e cada liderança a uma luta corporativa, concreta e imediata. A ênfase na interlocução entre atores permitia uma abordagem não essencialista e original desses movimentos.

No mestrado na USP e no trabalho no Cebrap me dediquei a destrinchar os paradoxos de uma dinâmica política local marcada por um potencial de mobilização estimulado por uma euforia com a perspectiva de mudanças sociais amplas que a vitória da oposição anunciava. Essa disposição em promover mudanças amplas era reforçada pelo legado dos movimentos sociais libertários da década de 60, exemplos históricos que sugeriam a emergência de novas formas de fazer política, formas que incorporavam a subjetividade dos agentes, que se abriam para problematizar dimensões como as relações de gênero ou as relações raciais, e que davam vazão à informalidade e à espontaneidade, como sugeriam trabalhos como os de Claus Offe na Alemanha, ou Alain Touraine na França. Desligados das práticas viciadas da política institucional, das hierarquias e unidades forçadas dos partidos, os movimentos sociais eram depositários da esperança de realização das utopias libertárias e igualitárias, agora com "participação e descentralização", para lembrar palavras de ordem da época de transição do regime militar para a "nova república". De certa maneira, é possível pensar as chamadas Organizações Não Governamentais, ONGs, associações que se propõem como de interesse público, mas não estatal, nem partidárias, como de certa maneira, herdeiras desses movimentos.

Meu trabalho de mestrado discutia o potencial e os limites de movimentos sociais urbanos, como os que surgiram em torno da discussão da autonomia de Santo Amaro, que compartilham algumas características típicas dos chamados "novos movimentos sociais", mas se diferenciam em outras.

Os cursos que fiz na pós-graduação da FFLCH marcaram os rumos do trabalho. Eram cursos ministrados por professores de diferentes especialidades e visões de mundo, mas que de alguma forma lidavam com as questões que me interessavam, como a ação política, a problemática do sujeito, o papel do Estado e dos movimentos sociais na transformação política. O professor Juarez Brandão Lopes, com sua usual vocação interdisciplinar para reconstituir polêmicas, situando a fronteira de problemáticas pontuais de investigação discutia diversas interpretações sobre o processo de trabalho, as modificações tecnológicas e o debate sobre as implicações

delas para a noção de classe social. No curso do professor Régis de Andrade, infelizmente morto precocemente, pude refletir sobre as inflexões que marcam a noção de sujeito ao longo da história do pensamento ocidental, questão que diante da fragilidade das manifestações de classe, permanece no centro das preocupações sociológicas, tal como manifesto no debate, já mencionado, sobre os movimentos sociais. É dessa época uma das minhas primeiras publicações, a resenha do livro *Le retour de l'acteur* de Alain Touraine, na Revista Brasileira de Ciências Sociais.

No curso do professor Carlos Estevam Martins pude me inteirar do debate europeu sobre o então contemporâneo processo de “devolução” de funções estatais para a sociedade que clamava, através de organizações diversas, o direito de manifestar diferenças ideológicas, étnicas e de opção sexual, entre outras, representadas em instituições públicas que não deveriam reproduzir modelos únicos, identificados como nacionais, mas sim reconhecer a legitimidade de diferenças – muitas das quais inscritas no corpo mesmo dos cidadãos. A contemporaneidade desse debate, de certa forma distorcido nos termos da oposição entre neoliberalismo e estatismo, permaneceu como referência para minha avaliação das especificidades da situação brasileira, onde o descontrole vigorava sobre agências públicas que resistiam – e ainda resistem - a agir de maneira articulada. No curso da professora Ruth Cardoso, estabeleci contato com a bibliografia recente sobre movimentos sociais urbanos, bem como com clássicos das ciências sociais brasileiras como *Coronelismo, enxada e voto* de Vítor Nunes Leal, que, como se pode observar em meu livro *O Brasil antenado. a sociedade da novela* permanece útil na medida em que ajuda a entender relações sociais paradigmáticas na cultura brasileira. O trabalho de Alba Zaluar, *A máquina e a revolta*, foi especialmente inspirador, na medida em que seu enfoque antropológico desvendava as especificidades dos mecanismos pessoais/políticos em vigor na periferia carioca. A autora, que posteriormente esteve ligada à publicação do romance *Cidade de Deus*, de autoria de Paulo Lins, seu assistente de pesquisa, enfatiza que na situação urbana, a mediação única, pessoal, a um só tempo assistencial e política com o mundo exterior e a sociedade nacional – a do coronel, tal como discutido por Nunes Leal – se rompe. No meio urbano o eleitor tem acesso a várias mediações possíveis – políticos disputam o voto, igrejas disputam a fé e – como viria aflorar em meu trabalho posterior – a televisão e a mídia constituem mecanismos relevantes nessa variedade, na medida em que através deles, já nessa época,

lideranças locais tomavam contato com outras lideranças, se informavam sobre determinadas políticas públicas, etc.

Durante os anos de 1985 e 1986 trabalhei como assistente de pesquisa e coordenadora de campo em dois projetos da equipe de Cultura e Política do Cebrap, "Participação Popular e Políticas Públicas" e "Participação Popular e Políticas Públicas de Saúde". Na linha dos estudos de antropologia urbana, ambos os projetos avaliaram a interlocução entre movimentos sociais e agências públicas em quatro regiões da periferia da cidade de São Paulo, a saber, Santo Amaro, Campo Limpo, São Miguel Paulista, e Freguesia do Ó. Minha pesquisa de mestrado se deu no contexto desses estudos. Minha dissertação, "A Formação, o desenvolvimento e a dissolução da ação coletiva: o caso da autonomia de Santo Amaro" ganhou versão videográfica em documentário dirigido por meu irmão, Cao Hamburger, intitulado "Santo Amaro: imagens de um movimento". É dessa época também meu interesse por documentários como instrumento de pesquisa e divulgação. Em 1987, organizei na Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) em Águas de São Pedro, a primeira mostra de vídeos, de alguma forma ligados à pesquisa em ciências sociais. Essa mostra foi incorporada pela Anpocs, que passou a realizar mostras videográficas em todas as reuniões anuais. Vale mencionar que essa primeira edição contou com a presença do cineasta Eduardo Coutinho, apresentando seu filme sobre o morro de Santa Marta. Contou também com a exibição do documentário "A Festa da Moça" de Vincent Carelli, filme que precedeu e talvez até tenha dado origem, ao conhecido projeto "Vídeo nas Aldeias", entre outros.

No Brasil de meados dos anos 80 as ciências sociais saudaram a emergência do movimento estudantil, e depois do movimento sindical da região do ABC paulista, duas forças impulsionadoras do movimento pela redemocratização, com alto poder de mobilização e reivindicação, e que revelavam novas lideranças. Na conjuntura da época, esses movimentos fortaleciam correntes que, inspiradas nos acontecimentos dos anos 60 na Europa e nos Estados Unidos, teorizavam sobre as já mencionadas novas formas de ação política: os movimentos sociais. Como o título de um artigo de Tilman Evers publicado na época pela revista *Novos Estudos* sugere, esses novos atores sociais se diferenciavam por se colocarem "Longe do Estado e de costas para o Parlamento".

Inseridos no interior da problemática dos movimentos sociais, então no centro da arena política e acadêmica, minha tese de mestrado assim como os relatórios de

pesquisa redigidos com base em vasto material coletado através de observação participante das ações dos diversos movimentos e órgãos públicos, procuravam refletir sobre o caráter, a novidade, e os limites de movimentos sociais que estabeleciam relações pontuais e diretas com o estado através de agências públicas locais. Na linha sugerida por Ruth Cardoso meu trabalho buscava ao mesmo tempo reconhecer a novidade e problematizar o papel que a própria interlocução com um Estado fragmentado em agências públicas diversas desempenhava na constituição dos movimentos sociais urbanos, na definição de suas formas de ação e relação com movimentos correlatos. No caso específico da autonomia de Santo Amaro, observei como uma questão que dizia respeito exclusivamente à política local dividiu os partidos políticos, as lideranças comunitárias, os parlamentares com base na região, as agências públicas com atuação local, de maneira simétrica e inexplicável no registro da ideologia da participação e democratização. Formaram-se em Santo Amaro dois movimentos, o Movimento Autonomista de Santo Amaro (MASA) e a Frente Popular Contra a Autonomia de Santo Amaro (FPCA). Ambas organizações contavam com parlamentares conhecidos por sua prática clientelista, com parlamentares e/ou lideranças conhecidos por sua filiação comunista (ao PCB ou ao PCdoB), com membros do PT, com militantes ligados à Igreja Católica. Até mesmo os chamados "santoamarenses tradicionais", grupo de famílias antigas na região, se dividiram quanto à propriedade da autonomia. A campanha tomou conta da arena local, invadiu o rádio e a televisão e redundou em um plebiscito com pouquíssima participação popular. Longe de comprovar um possível caráter "espontâneo" e "autônomo" de movimentos enraizados na base da sociedade, minha observação e análise me levaram ao interesse pelo papel da mídia na formação e definição do sentido das ações coletivas, interesse que persegui no programa de doutoramento.

Observei como a prática e o discurso de certos movimentos de bairro tal como apareciam nos telejornais, nos programas de rádio ou na imprensa, serviam de referência na formatação da agenda e técnicas de mobilização de movimentos similares situados em outras partes da cidade ou do país. As imagens televisivas serviam de meio de comunicação indireto entre movimentos. Por outro lado, observei a importância que as lideranças desses movimentos atribuíam à sua aparição no jornal, no rádio, ou na televisão. como se o sucesso político estivesse condicionado à visibilidade na mídia. Diante do pouco espaço que emissoras de rádio e televisão dedicavam aos movimentos populares e à política de oposição durante os anos de

autoritarismo, para muitos era como se o espaço recém-conquistado tivesse o potencial de romper a distância que os separava das bases e realizar o trabalho de convencimento necessário à prática política democrática. Enquanto minha dissertação de mestrado se ocupou em discutir o papel que a interlocução com um Estado fragmentado teve na definição e constituição mesma de movimentos também fragmentados, o projeto de entender o papel, nessa interlocução, de uma outra instituição não local – a mídia – ficou para o doutorado.

Redigi a dissertação de mestrado em 1987-1988 enquanto tomava parte do Programa de Formação de Quadros do Cebrap, onde tive a oportunidade de desenvolver uma rara experiência de estudo interdisciplinar. Interrompi a bolsa do Cebrap seis meses antes do término do programa de dois anos, imediatamente após defender minha dissertação de mestrado. Ingressei então no programa de doutoramento em antropologia na Universidade de Chicago, para o qual contei com bolsa da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por quatro anos, com bolsa da Fundação McArthur concedida através da Universidade de Chicago, entre outras fontes de financiamento, descritas em detalhe no meu currículo e na minha tese de doutoramento. Estive em Chicago por quatro anos cumprindo as exigências de residência do programa daquela universidade. Estive no Brasil conduzindo pesquisa de campo, entre outros compromissos profissionais, por cinco anos. Bolsa de pesquisadora visitante no Population Research Center da Universidade do Texas em Austin, permitiu que eu terminasse a redação e defendesse a tese em janeiro de 1999.

A experiência acadêmica na universidade americana marcou minha formação profundamente e eu aproveitei a oportunidade oferecida por este Memorial para sobre ela refletir e compartilhar essa reflexão. O que até então havia se caracterizado como uma formação básica generalista em sociologia e nas ciências sociais se voltou para uma concentração em antropologia e nos primeiros contatos com a teoria e estética do cinema, bem como com a crítica feminista. Tive a oportunidade de trabalhar com essa literatura em cursos e workshops da professora Marilyn Ivy, no Departamento de Antropologia, e da professora Miriam Hansen, no Departamento de Literatura e no então nascente Centro de Estudos de Cinema, da Universidade de Chicago.

Uma formação marcada pelo estilo francês ainda presente, embora de maneira diluída, na Universidade de São Paulo, na formatação dos cursos, na exigência de leitura exegética de textos originais, na preocupação com a leitura detalhada, com a



reconstituição passo a passo do pensamento de cada autor, com uma reverência quase sagrada aos clássicos, com o aprendizado da redação de trabalhos longos de fim de curso, para os quais se dispunha de tempo quase que ilimitado e que pretendiam demonstrar compreensão do texto, mergulho no universo do autor, teve que se adaptar à agenda intelectual e à prática acadêmica americana. O treinamento naquele país enfatiza a produção. A leitura só se realiza com a escrita. Os textos não necessariamente devem ser longos e devem ser escritos em pouco tempo. O domínio sobre o tempo constitui parte do processo de aprendizado. Trata-se não somente de apreender criativamente uma determinada agenda de estudo, mas de fazê-lo dentro dos limites estipulados – no formato e tempo indicados. Além da capacidade de mergulhar no universo de cada autor, conta também a capacidade de apreender uma bibliografia, saber situar um autor perante outros, compreender a lógica específica que organiza a leitura de determinada bibliografia proposta por cada professor. Pequenos ensaios semanais, exames de meio de curso para fazer em casa e devolver no dia seguinte, cursos obrigatórios, carga de cursos maior do que a que organiza a pós-graduação brasileira, são algumas das características conhecidas que diferenciam a pós-graduação americana da brasileira.

A experiência é inicialmente desestruturante. Os parâmetros de aprendizagem e produção são bastante diferentes daqueles que regem a universidade brasileira e o tratamento é de choque. A combinação da formação brasileira com a formação americana impulsionou meu desenvolvimento intelectual de maneira fecunda. A título de compartilhar um pouco dessa experiência, descrevo aqui os cursos que mais me marcaram em Chicago. O primeiro curso, obrigatório, de carga horária dupla, apelidado de “Systems”, que, no meu ano, foi ministrado pelo professor Raymond Smith, que visava no curto espaço de tempo de um trimestre, ou 12 semanas, com duas aulas semanais de 2 horas cada, familiarizar o aluno com um panorama das ciências sociais de Hobbes à antropologia contemporânea. Aquilo com o que durante meus quatro anos e meio de graduação e cinco anos de mestrado fui me familiarizando de forma mais ou menos fragmentada, é condensado em doze semanas, que exigem carga de leitura e trabalho cavalares.

O curso propunha a organização desse legado do pensamento ocidental de acordo com as maneiras pelas quais os diversos autores teorizaram sobre as relações entre sujeito e objeto, teoria e prática, estrutura e história, regras e processos. A segunda parte do curso, “Systems II” ministrada no segundo trimestre, no meu caso

pelos professores Jean e John Comaroff, com quem eu também fiz concomitantemente os cursos de "Introdução à Civilização Africana I e II", mapeia as mesmas questões, mas agora com foco concentrado no ramo anglo-saxão da antropologia, especialmente nos trabalhos etnográficos sobre a África. Com Jean e John Comaroff, cursei ainda "The Craft of Social Anthropology", onde tive a oportunidade de debater o ponto de vista de antropólogos contemporâneos como Michael Taussig, com quem eu já havia mantido contato no Cebrap e cujo livro *Shamanism, colonialism and the wild man*, resenhei. A professora Jean Comaroff, com quem fiz ainda cursos de leitura, participou ativamente de todas as etapas de minha passagem pela Universidade de Chicago e foi membro de meu comitê de tese e grande estimuladora de meu trabalho. Tive a oportunidade de tomar contato com a leitura da obra de Karl Marx do professor Terence Turner, que também atuou como interlocutor privilegiado nas minhas incursões pelo Brasil contemporâneo durante toda a redação de minha dissertação.

O curso do Professor Bernard Cohn, "Rituais e Política", me impressionou profundamente. Ao contrário do estilo americano acima descrito, o Professor Cohn baseia seus cursos em pouca bibliografia e muitas aulas expositivas onde desenvolve livremente sua interpretação, no caso daquele semestre, sobre a sociedade norte-americana, especificamente sobre os rituais que marcaram a instituição do sistema democrático naquele país. Ao recontar a história dos ideais iluministas de liberdade e igualdade tal como foram incorporados pelos americanos e inscritos na arquitetura, na estrutura urbana das cidades, na instituição dos feriados, na definição dos heróis, Barney Cohn desenvolveu uma espécie de arqueologia de diversas formas pelas quais ideais fundantes da democracia americana se inscrevem em diversas dimensões da vida americana, se fazendo presente no cotidiano até os dias de hoje. Esse curso abriu para mim todo um universo possível para a pesquisa antropológica. Seu trabalho chama a atenção para a "invenção das tradições" (tal como expresso na coletânea de mesmo título, editada por Eric Hobsbawn, tema com o qual eu já havia flertado no mestrado ao observar as disputas em torno da re-invenção de Santo Amaro). Mas chama a atenção também para a inscrição de noções coletivas no espaço – e aqui a arquitetura serve de testemunha de noções estabelecidas. Sob sua orientação entrei em contato com o trabalho de Benedict Anderson e o universo da construção de comunidades nacionais imaginárias, tema que persegui em trabalhos de curso e nos projetos de pesquisa desenhados em Chicago bem como em minha tese. A professora Manuela Carneiro da Cunha visitou Chicago quando eu me encontrava já em fase de

preparação do exame de qualificação. Desfrutei de seu curso sobre Levi-Strauss, como ouvinte, e pude contar com a sua participação arguta na minha banca de qualificação. Posteriormente, como professora da universidade de Chicago, e membro de meu comitê de tese, nos Estados Unidos e/ou no Brasil, contribuiu para o desenho final de meu trabalho.

Em dois cursos do professor Marshall Sahlins, em cursos de leitura posteriores e enquanto sua orientanda, pude me familiarizar e exercitar um sistema de pensamento que subverte o determinismo econômico. Exercendo o relativismo antropológico de maneira contundente, o pensamento, várias vezes redirecionado do professor Sahlins, coloca pistas para o enfrentamento dos desafios prático-teóricos desse final de século. Embora meu orientador não seja especialista no meu tema específico de pesquisa, devo a ele o que considero que há de melhor na minha tese de doutoramento, bem como a inspiração para a definição dos desafios teóricos que venho enfrentando desde então.

Minha tese representa o esforço em entender o que, retomando minhas preocupações anteriores, re-defino como a produção de cultura no mundo contemporâneo. Aqui a transformação social deixa de ser entendida como fruto da ação proposital de atores sociais-políticos-ideológicos pressupostos e passa a ser encarada como processo indeterminado, a um só tempo teórico e prático, a ser decifrado de acordo com a especificidade, no tempo e no espaço, de cada situação.

A novela de televisão se mostrou assunto especialmente adequado ao desenvolvimento de meu argumento. Em primeiro lugar, sendo produto mais popular em um país em que a televisão ocupa posição econômica e socialmente mais relevante do que na maior parte dos países, a novela constitui um fenômeno de comunicação raro uma vez que ela atinge um público altamente diversificado, composto de telespectadores de todas as classes sociais, homens e mulheres, adultos, crianças e velhos, com os mais diversos níveis educacionais, habitantes de praticamente todo o território nacional. Em segundo lugar, a novela atinge esse público nacional com histórias que versam sobre a nação, mobilizando um repertório de cores, músicas, símbolos, figuras e lugares que, ao longo do tempo, aparecem em interpretações e re-interpretações do Brasil. Em terceiro lugar, enquanto gênero "pré-interativo", a novela é produzida ao mesmo tempo em que vai ao ar, o que significa que, de maneira semelhante ao que ocorre com o folhetim francês do século XIX, o texto do seriado incorpora elementos da conjuntura, bem como reações do público. Na tentativa de

entender a inserção das novelas nas mudanças recentes porque vinha passando o Brasil e as representações do país, me propus a focalizar a produção, o texto (vídeo) das novelas enquanto expressão de interações sociais distorcidas e desiguais em momentos históricos específicos.

Minha tese é um estudo das novelas de televisão na história recente do Brasil. Acompanhando a trajetória do gênero – a forma de fazer, os diversos grupos de profissionais envolvidos, suas pretensões, práticas e ideologias, e a recepção, chamo a atenção para paradoxos inusitados que sugerem questões interessantes para pesquisa futura. A audiência imaginada como feminina, mas na realidade composta de homens e mulheres. As telenovelas constituem a versão local das *soap-operas*. Como suas parentes norte-americanas, as telenovelas têm origem na propaganda de sabão em pó, basta lembrar que multinacionais especializadas em produtos de limpeza como a Colgate/Palmolive e a Gessy-Lever não só patrocinavam, como produziam as primeiras telenovelas – no Brasil e em outros países da América Latina como Cuba, México, Venezuela e Argentina. Também de maneira semelhante a suas parentes estrangeiras, as telenovelas são feitas para um público alvo específico: a mulher dona de casa, de classe média urbana. Imaginada no mercado publicitário como a consumidora por excelência, a mulher detém posição "privilegiada" nos mecanismos de aferição da reação do público em ação na feitura de novelas.

As emissoras definem a mulher como público alvo principal das novelas, definição que está em sintonia com a definição dos pesquisadores de mercado, dos anunciantes, e do público. Há uma espécie de consenso em torno da noção de que as telenovelas são "coisa de mulher". No entanto, esse reconhecimento unânime, merece ser relativizado face aos dados do Ibope e com a observação de campo. É raro encontrar alguém – homem ou mulher – que não saiba o que se passa na novela. Embora os homens resistam a falar sobre o assunto, quando finalmente se rendem, revelam conhecimento profundo não só das novelas que estão no ar, como de telenovelas que já passaram. E sua memória para telenovelas antigas é em geral mais acurada que a das mulheres.

Há um descompasso entre a audiência imaginada e a audiência real também em relação à classe social e região geográfica. As telenovelas são dirigidas ao público consumidor de classe média urbana, universo "privilegiado" dos mecanismos de medição de audiência que guiam os investimentos publicitários e as decisões de programação das emissoras. A escolha obedece a regras básicas que regem

sociedades democráticas de mercado e que fundamentam teorias “pluralistas” dos meios de comunicação, segundo as quais estes se limitam a reproduzir valores sociais consensuais. Mas nas sociedades onde essas teorias foram elaboradas, sociedade e mercado praticamente coincidem. Já no Brasil, como se sabe, ao menos até recentemente, apenas parcela muito restrita da sociedade era reconhecida como consumidora. Os mecanismos de aferição da audiência que regem a indústria de televisão dão a medida do descompasso. Em 1993, o Ibope media a audiência televisiva em 11 regiões metropolitanas, 9 situadas na costa e somente duas no interior. Dentro dessa faixa territorial bastante limitada, o instituto se ocupava do que definia como classes AB, C e DE, sendo que os segmentos DE eram pouco valorizados, uma vez que possuíam menos aparelhos e consumiam menos. Essa classificação social obedecia a uma tabela da ABA/ABIPEME (siglas que representam as associações do setor), que privilegiava os segmentos médios, “puxando” a escala para cima. O outro mecanismo de pesquisa de mercado utilizado pela rede Globo é o “grupo de discussão”, realizado duas ou três vezes por novela. Esses grupos são realizados somente no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre mulheres, de classe média. Nenhum desses mecanismos especifica a raça dos entrevistados. Os autores de novela levam em conta suas impressões pessoais sobre as reações dos telespectadores. As novelas difundem um universo imaginado como o universo de classe média urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo para o Brasil inteiro. A apropriação da televisão e de metodologias de pesquisa de mercado resultou, no Brasil, em rotinas e técnicas específicas. A disjunção entre o universo de consumidores e o universo de telespectadores abre um campo sugestivo para a investigação do papel da televisão na sociedade brasileira, tema que continuo a trabalhar nos dois projetos de pesquisa a que me dedico atualmente.

Produto da ação criativa de um grupo de autores, atores e diretores com formação intelectual de esquerda e agendas críticas, as novelas incorporaram temas políticos e contradições sociais. Essa temática polarizou a bibliografia especializada que se dedica a debater o conteúdo ideológico, o caráter de reprodução ou resistência das novelas. De uma forma ou de outra, a temática ajudou a inscrever o Brasil como espaço e tema das novelas, coisa que os telespectadores confirmam em suas afirmações nos grupos de discussão e na pesquisa etnográfica de recepção. Com sua vocação comercial as novelas potencializaram o desenvolvimento do mercado de consumo. Sujeitas ao controle exercido pelo regime militar com sua política de

integração nacional autoritária, já bastante explorado pela bibliografia, as novelas estavam limitadas pelas normas e humores da censura federal e da censura interna à emissora. Combinação de todas essas participações, as novelas não correspondem, no entanto, a nenhuma delas em particular. Nem autores, nem governantes, nem publicitários imaginaram que um dos produtos menos prestigiados da televisão, de origem na *soap-opera*, tendo como público alvo as mulheres, viria a dominar o horário nobre de uma entre as dez maiores indústrias de televisão do mundo. Nenhum desses grupos imaginou que os seriados feitos para mulher, produtos comerciais por excelência, captariam e expressariam as redefinições dos contornos dos domínios público e privado no país.

Com suas referências cada vez mais explícitas à nação, as novelas expressaram a integração nacional perversamente realizada não em torno do "Jornal Nacional", da "Voz do Brasil" ou dos romances clássicos da literatura brasileira, mas de folhetins eletrônicos que tratam a política contemporânea no registro do melodrama. Com sua fidelidade à narrativa de intrigas amorosas, conflitos conjugais e familiares, as novelas vêm também ampliando sucessivamente o escopo do que é permitido ser mostrado e legitimado pela televisão.

"Politics and Intimacy in Brazilian Telenovelas", minha tese de doutoramento, é uma tentativa de ir além da discussão de conteúdo ideológico proposta pela maior parte da bibliografia sobre televisão. O olhar antropológico sobre as teorias e as práticas envolvidas no fazer e receber televisivo abre um universo novo de investigação. O estranhamento sobre noções e mecanismos naturalizados pelo uso prolongado, chama a atenção para deslocamentos que tendem a passar despercebidos na literatura especializada - também, em larga medida, refém de noções "nativas", como a que opõe melodrama e realismo, ou a que pensa em mercado sem refletir sobre as conseqüências que o descompasso entre a audiência imaginada e a audiência real, implicam, o que reduz os programas televisivos à intenção dos censores do regime militar. O mergulho nas diversas intencionalidades que construíram um gênero de penetração inédita, em textos específicos e em sua interlocução com outros textos em contextos determinados da história do Brasil, e na interlocução que os telespectadores estabelecem com o que se configura como um 'repertório' comum aos brasileiros permite ir além do registro do "bom" ou "ruim" que marca o pensamento sobre o assunto, para problematizar o que não estava previsto, o não antecipado, com suas aberturas e perversidades. A pesquisa em torno da televisão

representou um desafio que me levou a estabelecer interlocuções interdisciplinares - com os prós e os contras que tal posicionamento implica.

Desenvolvi uma primeira versão dessa interpretação sobre a televisão e as novelas na história recente do Brasil em artigo publicado em 1998 no volume 4 da coleção *História da Vida Privada*. Trato a questão de maneira mais detalhada e ampliada em minha tese, cuja versão brasileira, como mencionei anteriormente, está saindo em livro, com o título *O Brasil antenado, a sociedade da novela*. Vários dos inúmeros artigos que apareceram como capítulos de livro ou em periódicos especializados entre 1998 e 2003 podem ser lidos como fragmentos de uma tese que foi se desenvolvendo e aprimorando mesmo depois de defendida, durante um longo processo de tradução e edição da versão brasileira.

A pesquisa de recepção que realizei no âmbito do projeto interdisciplinar, interinstitucional e internacional sobre novelas, que envolve o Núcleo de Estudos de População - NEPO, na Unicamp, o CEBRAP, o CEDEPLAR, na UFMG a ECA e o Population Research Center e o RTF, Department of Radio Television and Film na Universidade do Texas, sociólogos, antropólogos, comunicólogos e demógrafos e que investiga possíveis relações, não planejadas e imprevistas, entre conteúdos televisivos e mudanças demográficas, sugere que os telespectadores mobilizam o repertório desses seriados para posicionar seus problemas privados em termos publicamente reconhecidos. Telespectadores na favela que estudei, como nos relatórios de grupos de discussão a que tive acesso, buscam nas novelas "tipos ideais" nacionais de mulher, de homem, de relações conjugais, de relação entre pais e filhos, de estrutura familiar. Os telespectadores não necessariamente concordam ou discordam em bloco sobre o significado do que interpretam, por exemplo, como representação "do ideal de mulher brasileira". Personagens, condutas, e tramas constituem motivo de polêmica. A novela fornece uma linguagem pública através da qual os dramas mais íntimos podem ser discutidos. Esse programa televisivo também realiza a mediação no sentido inverso. Ele traduz temas públicos para a linguagem da vida privada. Esse duplo movimento, em certo sentido, no período estudado, pautou a agenda pública.

O trabalho de pesquisa feito para a tese e no projeto interdisciplinar já citado abriu uma série de questões para problematização e investigação posterior, definindo dois projetos de pesquisa em que trabalho atualmente, um inicialmente aprovado como bolsa de pós-doutoramento a ser desenvolvida junto ao Departamento de Antropologia da FFLCH da Universidade de São Paulo, onde ministrei um curso de pós-graduação

"Abordagens recentes dos meios de comunicação de massa". A bolsa de pós-doutoramento da Fapesp não chegou a se efetivar, já que ingressei na carreira docente, tendo sido aprovada em processo seletivo para professor doutor no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) desta escola. Versão atualizada do referido projeto, com o mesmo título, "Inclusão e exclusão social: a política das representações em uma favela paulistana" foi recentemente aprovada para financiamento pelo CNPq como bolsa de produtividade, vinculada a um auxílio à pesquisa. Coerente com esse projeto, e marcando uma linha de continuidade com minha atuação profissional anterior, no CTR, faço parte do grupo de professores que participa da área de pesquisa em Cultura e de Difusão do Centro de Estudos da Metrópole (CEM/CEBRAP), um CEPID da Fapesp, reunidos na linha de pesquisa "Representações da metrópole", registrada no CNPq.

Esse projeto investiga a hipótese de que do ponto de vista de consumidores situados às margens da sociedade, o mundo da mídia aparece como via de inclusão social. A mídia é entendida aqui, inicialmente, em um sentido amplo, que abarca o cinema, o espetáculo nos programas de auditório e nos esportes, veículos de imprensa, rádio e televisão, o consumo de vídeos, a produção caseira de vídeos, o hip hop e as rádios comunitárias. Ao se apropriar de um amplo leque de informações difundidas sem o controle de instituições como a escola, a igreja, a família, os partidos políticos, moradores da favela procuram demonstrar que dominam o repertório que imaginam como o necessário para a inclusão plena na sociedade. No entanto, perversamente, muitas vezes quando favelados ganham notoriedade na mídia, sua imagem é associada de alguma forma com o universo da barbárie que usualmente estrutura as representações da pobreza. Cientes de que essa representação só contribui para consolidar a imagem de marginais da qual procuram se libertar, os favelados disputam a forma e o conteúdo da sua representação. Pesquisa etnográfica na favela dá continuidade a levantamento realizado no mesmo local, com objetivos mais limitados, durante nove meses em 1996-7. O projeto pretende abordar as diversas estratégias de apropriação de representações presentes em programas televisivos como *Aqui, Agora, Cidade Alerta, Na rota do crime*. Pretende também trabalhar com filmes como *Notícias de uma guerra particular, Uma onda no ar, Cidade de Deus, O Invasor, Carandiru, Prisioneiros da grade de ferro, Ônibus 174*. filmes resultantes de oficinas de audiovisual em locais carentes.



A idéia é discutir questões como: Em que medida ao romper o silêncio e a invisibilidade a que os pobres nas mais das vezes são relegados, essas representações perversamente contribuem para fixar a imagem do favelado como marginal e assim ao invés de incluí-lo plenamente, ao contrário, inscreveriam, uma vez mais, sua identidade de excluídos? Quais seriam as diferentes formas de apropriação dos mecanismos de produção da representação em jogo em cada um desses casos? Quais são os elementos estéticos que caracterizam cada um desses trabalhos? De que maneira eles contribuem para a pesquisa de formas de representação capazes de desarticular estereótipos que associam violência e pobreza?

De 1996 a 2004 a relativa invisibilidade que caracterizava o universo popular se rompeu, indicando o acerto da hipótese que anima esse projeto, de que a disputa pelo controle dos mecanismos de produção das representações anima a ordem social brasileira contemporânea. A pesquisa aqui proposta pretende cotejar interpretações críticas de produções desse período recente, entendidas enquanto diferentes estratégias - estéticas e de articulação - de apropriação dos mecanismos de construção da representação. A crescente preocupação com a violência acompanha esse processo.

No que se refere especificamente a representações da violência na TV, tema que nos interessa mais de perto aqui, é o advento de telejornais locais vespertinos, em particular do já mencionado *Aqui, Agora* no SBT em 1991 que introduz mudanças, inspirando inclusive documentários cinematográficos. No período mais recente, incorporando imagens feitas pelo telejornal da Rede Manchete, o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* de João Moreira Salles (1999) ofereceu um primeiro olhar reflexivo sobre um universo, naquela época ainda pouco visível, fora de telejornais populares. O documentário, feito para a televisão, é fruto da inquietação do diretor que foi a campo preparado para fazer um filme sobre um grupo de dança do morro, mas se deparou com algo mais forte. As imagens das pequenas bailarinas que estariam no centro do documentário no projeto original, acabaram reduzidas a alguns segundos em um filme que revelou a barbárie que já no final dos anos 90 se apossava dos morros cariocas. "Notícias" contrasta, com sensibilidade perturbadora, três perspectivas sobre a violência que tomou conta do cotidiano no morro: a dos policiais, a dos traficantes e a dos moradores. O filme resulta de uma aliança reveladora que propiciou, através de meios questionados posteriormente pela justiça, autorização para filmar.

No início dos anos 90 o *Aqui, Agora* repercutiu ao trazer a tona o visual de favelas e bairros populares. Em 1999, "Notícias" vai além da abordagem do telejornal para buscar interpretações, contextos, complexidades. E revela com pesar um universo terrível. Apenas 4 anos depois, *Ônibus 174* emerge já em um contexto de plena guerra pelo controle da representação. *O Invasor, Cidade de Deus, Cidade dos Homens, Laços de Família, Carandiru, Prisioneiros da Grade de Ferro*, são outras empreitadas, que expressam casos específicos de apropriação dos mecanismos de controle sobre a produção da representação. Essa conjunção de mudanças se mostra especialmente sugestiva se pensada na chave da articulação estética que diferentes maneiras de apropriação dos mecanismos de produção da representação adquirem seja na ficção ou no documentário.

A pesquisa pretende aliar a observação participante de contextos de produção e recepção de produtos audiovisuais na favela, incluindo a promoção e observação de exibições públicas de diversos trabalhos cinematográficos e televisivos na favela com a análise dos arranjos estéticos presentes em trabalhos selecionados. A idéia é discutir, a partir desse amplo material, diferentes maneiras heterodoxas de interagir com meios de comunicação impressos e eletrônicos em um movimento intenso de disputa pelo controle das representações. O estudo pretende produzir análises formais dos trabalhos citados levando em conta a experiência dos espectadores da favela. O reconhecimento dessa "política das representações" pode ajudar a pensar manifestações estéticas como expressão de relações sociais de maneira não determinista e atenta à especificidade das articulações entre sons e imagens. Em que medida o universo da pobreza associado à violência é representado como masculino?

O trabalho privilegiara a observação participante da interação dos moradores, especialmente com filmes recentes, com órgãos de mídia de diversos tipos. A especulação dos telespectadores sobre o rumo das novelas, sua busca de informações adicionais em programas de rádio e revista, sua expectativa de que os autores levem em conta "o que o pessoal está pensando", a preparação das meninas para uma sonhada carreira de modelo, que se inicia nas filas dos programas de auditório, a produção de vídeos caseiros, a montagem de uma biblioteca, diversos tipos de participação em projetos cinematográficos recentes são alguns exemplos de casos diferenciados a serem pesquisados. De que maneira essa interação - teórica e/ou prática - em níveis diversos com o mundo do visível garante alguma inclusão social? Como os moradores interpretam a representação de seu universo nos filmes, nas

novelas, a publicidade que a atividade de um vizinho eventualmente adquire, ou a manipulação de sua produção criativa em filmes e/ou programas televisivos? Qual a sua percepção do caráter exótico - e perverso - que a visibilidade lhes traz? Como o jogo da visibilidade/invisibilidade acena com a inclusão mas ao mesmo tempo alimenta a exclusão social? Os dados colhidos e analisados serão objeto de um ensaio sobre as políticas da representação e suas implicações concretas para a vida cotidiana de cidadãos de baixo poder aquisitivo e poucos anos de escolaridade, habitantes de favelas e bairros populares, suas estratégias de inclusão, sua perspectiva crítica sobre a parca visibilidade adquirida, sua disposição de participar dos mecanismos de produção de suas próprias representações. A idéia é contribuir para a gestação de representações capazes de fazer diferença na dinâmica de inclusão social. Minhas publicações nas revistas *Contracampo*, *Framework* (reproduzido na revista eletrônica da Associação Brasileira de Antropologia, *Vibrant*,) no volume *Cinema do Real* recentemente editado por Dora Mourão e Amir Labaki e no catálogo da exposição França-Brasil, sinalizam primeiros ensaios que indicam meu movimento nessa problemática, do início puramente etnográfico, ao estágio atual em que incorporo a dimensão da análise das formas audiovisuais propriamente ditas, abordando as relações entre espectadores e obras, buscando nas obras estudadas, marcas de apropriação. Esse projeto encontra-se no meu horizonte de médio prazo; foi desenvolvido até agora aos trancos e barrancos, na medida das solicitações.

Enquanto me preparo para desenvolver de maneira sistemática o projeto acima exposto, me dedico, desde 2003, a concluir, no mesmo CEM, o projeto "Perfil sócio-demográfico da audiência de televisão na grande São Paulo – 1970-1997", desenvolvido a partir de questões colocadas pelo amplo estudo interdisciplinar e internacional de novelas acima descrito. Especificamente a partir de constatação registrada em "Notas sobre o Seminário 'O Papel Social da Mídia e Mudança Demográfica no Brasil'", documento publicado em 1993 na série "Research Papers" produzida pela pesquisa, em co-autoria com os coordenadores do projeto. Exposições de pesquisadores do Ibope e de pesquisadores ligados ao instituto de pesquisa que produzia relatórios de "grupos de discussão" sobre novelas, para as emissoras de televisão, revelaram a discrepância entre o universo sociológico dos espectadores de televisão, distribuídos, já naquela altura na maior parte do território nacional, e o universo de espectadores-consumidores privilegiados pelos institutos de pesquisa, situados nas então nove principais regiões metropolitanas do país, a maioria das quais

na faixa litorânea. A disjunção entre o universo definido como “alvo” e o universo, bem maior, de espectadores de TV no país, além de geográfica, é social. Em 1993, o Ibope assumia não levar em conta espectadores classificados como pertencentes ao segmento “D” (classificado de acordo com critérios definidos no mercado, que privilegiam a posse de bens de consumo), já que esse segmento pouco consumiria. É possível detectar ainda um viés de gênero nessas pesquisas, uma vez que elas destacam a posição da “dona de casa”, então imaginada como consumidora privilegiada da TV e dos produtos anunciados na TV. Essas disjunções entre o universo dos espectadores alvo e o universo geral de espectadores, entre espectadores e consumidores, abre questões teóricas de fundo para se pensar a sociedade brasileira contemporânea. Tratei dessa problemática inicialmente em minha tese, que problematiza o que chamei de “teorias nativas”, i. e. noções que guiam concepção e prática dos profissionais que fazem TV. O reconhecimento de que profissionais da indústria trabalham com teorias e que essas teorias foram formuladas a partir dos desenvolvimentos da sociologia americana, abre um espectro de indagações sobre mais um campo de “idéias fora do lugar”. A teoria pluralista pensa a sociedade como mercado, que, por suas próprias regras, gera consensos, por sua vez difundidos pelos meios de comunicação, que se limitariam a reproduzir idéias previamente aprovadas pelo conjunto social. A pesquisa social aplicada é entendida nesses marcos como instrumento de aferição de consensos, ferramenta facilitadora do funcionamento da engrenagem social. No entanto, o que dizer dessa espécie de funcionalidade instrumental, em contextos onde a sociedade é bastante mais ampla que o mercado? Em outras palavras, quais são os elementos complicadores em sociedades desiguais e excludentes como a brasileira, onde o cidadão se confunde com o consumidor, estatuto almejado e discriminatório, já que apenas parcelas da população participam plenamente do mercado? Ao lado dessa questão de fundo, o contraste entre a abordagem da teoria pluralista e o pensamento crítico vinculado à escola de Frankfurt, no que tange especificamente aos mecanismos de funcionamento da indústria cultural inspira reflexão. A contribuição seminal de Adorno ao estudo da “indústria cultural” descreve mecanismos e procedimentos em vigor até os dias de hoje, especialmente no que diz respeito às técnicas quantitativas de pesquisa de audiência, legado que outro exilado de língua alemã, o austríaco Paul Lazarsfeld, coordenador do conhecido projeto de pesquisa sobre o rádio, conduzido na Universidade de Princeton, onde Adorno trabalhou, desenvolveu. A pesquisa ocupa posição de destaque em cada um desses

campos teóricos opostos. Enquanto frankfurtianos identificaram nos próprios meios de comunicação industrial uma vocação à reprodução de esquemas de dominação, esquemas que a teoria crítica poderia ajudar a desmontar, na linhagem pluralista, a pesquisa se propõe como instrumento de aferição e medida de adequação, de garantia mesmo contra os abusos dos meios. A pesquisa ajudaria assim a perpetuar a natureza difusora de valores consensuais de meios de comunicação que resistiriam à imposição de normas totalitárias. Em que medida a teoria crítica da indústria cultural e a teoria pluralista da adequação dos meios de comunicação à pluralidade de opiniões vigentes na sociedade podem ser lidas como duas reações ao nazismo, especialmente no que diz respeito à força da propaganda radiofônica e cinematográfica daquele regime? Esse viés é tentador mas, embora tenha ensaiado, não encontrei ainda oportunidade para mergulhar em um estudo bibliográfico de fundo que ajude a pensar as decorrências desses imbricamentos. Em vez disso, me concentrei no mapeamento e problematização do caso empírico brasileiro, pensando, para além dessas duas abordagens clássicas, na pesquisa de mercado como mecanismo que constrói padrões de medida e justifica teorias que por sua vez atuam sobre a sociedade, alimentando processos imprevistos e não planejados de mudança.

A pesquisa de mercado pode assim ser tomada como um "campo" no sentido de Bourdieu, mas também um "campo", para além de Bourdieu, capaz também de produzir significados, constituindo parte intrínseca de processos sociais de mudança. Particularmente interessante para essa discussão é o livro *Desperately seeking the audience* da pesquisadora holandesa Ien Ang, uma das pioneiras da pesquisa sobre recepção, com seu trabalho sobre Dallas. Ao comparar os sistemas privado norte-americano e público europeu de controle de audiência televisiva, a autora reconhece, primeiro que as emissoras não contam com público garantido, e que ganhar e manter uma audiência estável representa um desafio permanente; segundo, que, para enfrentar esse desafio, as emissoras lidam com construções da "audiência", uma entidade abstrata que dificilmente se materializa; algo que, nos termos de Benedict Anderson, poderíamos encarar como "comunidade imaginária". De uma forma ou de outra, o caráter de construção cultural da audiência emerge aqui como dimensão relevante, parte intrínseca do problema. A questão para reflexão é em que medida esses mecanismos de sondagem constituem em si mesmos elementos intrínsecos dos processos que supostamente retratam. Em outras palavras, na medida em que programas televisivos foram sistematicamente feitos para parcelas limitadas do público,

embora a programação estivesse disponível a muitos mais, é possível pensar que todos reconhecem os critérios de inclusão nessa sociedade midiática como sendo critérios de consumo? E que esse reconhecimento engendra um movimento de inclusão através do consumo, o que explicaria dados econômicos inesperados, como o alto consumo de eletrodomésticos de modelos top de linha e de eletrônicos em geral em favelas e bairros populares. A pesquisa participaria assim de uma dinâmica não planejada, baseada nos mecanismos de envolvimento emocional, de contigüidade, descritos por Adorno em sua indústria cultural revisitada, mas que mais que reproduzir consensos ou mensagens dominantes, previamente estabelecidas, gera novos fenômenos, muitas vezes aberrantes. O desafio aqui é entender mecanismos de produção cultural a um só tempo simbólicos e econômicos, afetos aos espaços públicos e privados.

A pesquisa nos arquivos do Ibope, depositados na Unicamp sob os cuidados do Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP), ora em fase de conclusão, contou com a participação de Heloísa Buarque de Almeida, que trabalhara na equipe que coordenei no Cebrap, fazendo estudo etnográfico da recepção de novela na cidade de Montes Claros, MG, trabalho que ela expandiu em sua tese de doutoramento (defendida em 2001, e de cuja banca fiz parte), em que lida especificamente com novela e consumo, onde a discrepância entre espectadores e consumidores também aparece. Em seu pós-doc, Heloísa teve a oportunidade de coletar informações qualitativas sistemáticas sobre a constituição do campo da pesquisa de mercado no Brasil, principalmente através de entrevistas em profundidade realizadas junto a alguns dos principais profissionais em atividade e do levantamento de informações históricas junto aos arquivos das revistas *Mercado Global*, depositada na Biblioteca da ECA. A equipe desse projeto conta ainda com a Dra. Tirza Aidar, demógrafa e pesquisadora do Nepo, responsável pela coleta e análise de dados quantitativos sobre a audiência, que anteriormente trabalhara com dados do Ibope, na equipe do projeto grande acima citado, sob coordenação da professora Elza Berquó. Tirza contou em fases diferentes da pesquisa com a ajuda de duas bolsistas de capacitação técnica, Nádia Aidar e Luana Tinoco, ambas estudantes de estatística. Carolina Agabiti, fez seu mestrado sobre roteiro de novela, sob minha orientação, com bolsa da Fapesp vinculada a esse projeto, especificamente sobre a influência da audiência na definição dos rumos de histórias que são escritas ao mesmo tempo em que vão ao ar. A tese dela, "O autor e o público: o processo de escrita da telenovela e a relação com a audiência", entregue no

dia 22 de julho último é um estudo de caso pioneiro, e como tal levanta hipóteses. A comparação do roteiro de novela com outro produto industrial, o cinema clássico, ajuda a revelar especificidades da novela, sugerindo que a audiência se liga em personagens e não em pontos de virada. Finalmente, Ananda Stucker, aluna, do último ano de Ciências Sociais, tem bolsa de iniciação científica vinculada a esse projeto. Ananda ajudou Heloísa na realização e transcrição de entrevistas, na pesquisa de arquivo em torno da revista *Mercado Global*, produziu uma cronologia que sistematiza as modificações metodológicas verificadas ao longo do tempo no trabalho do Ibope, instrumento que sistematiza informações coletadas pelos diversos membros da equipe. Para produzir essa importante ferramenta da pesquisa, Ananda aprendeu a operar o Access. Para produzir o banco bibliográfico da pesquisa, ela ainda aprendeu a lidar com o Endnote, um instrumento muito útil para que trabalha com bibliografia. Vale mencionar que meu projeto era articular os diversos membros dessa equipe que atua em cidades diferentes através de um site que armazenasse e centralizasse nossas relações. Muito por dificuldades de infra-estrutura técnica, esse objetivo não foi atingido. Mas a pesquisa deve produzir um banco de dados básico para consulta dos dados coletados, além de uma publicação. Nesse momento nos preparamos para produzir um documento final da pesquisa que deve conter um texto de Tirza e Ananda sobre o perfil da audiência, um texto de Heloísa sobre a constituição do campo da pesquisa de mercado no Brasil, e um texto meu que desenvolve as questões aqui expostas, e realiza uma análise preliminar dos gráficos. A tese principal do trabalho é a de que enquanto mecanismo distorcido e desigual de mediação, a pesquisa de audiência confirma as teorias nativas de que a audiência de televisão é majoritariamente feminina, de classe média baixa, de idade ou mais elevada, ou mais baixa. Mas confirma também as teses de nossas etnografias, embora as novelas sejam consideradas programas femininos e embora realmente haja um contingente maior de mulheres entre os telespectadores, a diferença não é tão grande quanto se faria supor, ficando em torno dos anunciados 40% homens, 60% mulheres para os períodos de maior audiência e baixando para 30% homens e 70% mulheres quando a audiência baixa. Os dados confirmam ainda a teoria “nativa” de que o público feminino, classe “C” constitui a espinha dorsal da audiência da novela. O dado mais significativo a esse respeito é o aumento do peso feminino na audiência durante a década de 90, quando caem os índices absolutos. Esse dado reforça a relevância da abordagem da televisão

na perspectiva do estudo das relações de gênero, perspectiva que desenvolverei abaixo.

Mas para além desse perfil geral, razoavelmente estável no período estudado, como anunciavam os pesquisadores, os dados sugerem relações interessantes entre a forma e o conteúdo da programação e as curvas de audiência. Quando analisamos os gráficos de evolução da audiência ao longo do tempo por emissora, verificamos que em geral, a curva de Rede Globo acompanha a curva do total de todas as emissoras. Esse comportamento do gráfico não é surpreendente uma vez que a Rede Globo, no período estudado, concentra .... % da audiência. O paralelismo ao longo da maior parte do tempo sugere que os raros momentos em que há divergência entre a curva da Rede Globo, e a curva geral são significativos para investigação. A comparação entre os dois gráficos revela, por exemplo, que no ano de 1975 há uma queda drástica e logo recuperada da audiência da Globo, acompanhada por uma subida e descida semelhante, em direção oposta, da Tupi. Se cotejarmos essa informação com as especificidades da programação, podemos aventar a hipótese, sujeita a confirmação de sondagem em profundidade, de que a censura à primeira versão de *Roque Santeiro* e a conseqüente re-exibição de versão compactada de *Selva de pedra* tenham levado à queda sensível na audiência da emissora líder. Por outro lado, a produção de *Pecado Capital* logo em seguida, foi capaz de recuperar os índices. Mas o indício mais contundente de que o conteúdo da programação propriamente dito faz diferença é a subida incontestada da audiência da Globo durante a segunda metade da década de 80, período reconhecidamente áureo no que se refere à qualidade de produção e texto das novelas e ao tratamento explícito à nação brasileira no horário nobre. A sucessão de títulos como *Roque Santeiro*, *O salvador da pátria*, *Vale tudo*, repercute nos índices crescentes de audiência. Por outro lado, o início da queda verificada nos anos 90 também coincide com dois marcos de programação, desta vez em emissoras concorrentes. A Manchete apresenta uma ligeira subida em seus índices de audiência, vantagem logo perdida, com a apresentação da novela *Pantanal* em 1990 e 1991, no horário das 21: 30 hs. O SBT, por sua vez, apresenta um crescimento ligeiro da audiência de fim de tarde com o advento do *Aqui, Agora*, em 1991 e até 1995. A coincidência dessas duas investidas é interessante. A Manchete apostou em um projeto alternativo de novela. Em torno do convencional núcleo melodramático, a trama de Benedito Ruy Barbosa, dirigida por Jayme Monjardim, apresentou um visual diferente. Ambientada no próprio Pantanal a novela se beneficiou de paisagens



exóticas e belas, tomadas em longos planos gerais, pouco usuais na TV, e na música regional. Poucos acontecimentos moviam a narrativa bastante recheada de “clipes” de Sérgio Reis ilustrados pelo visual ecológico, água limpa, mata, animais selvagens, corpos nus. A Manchete investia e atingia um público composto por uma maior proporção de segmentos AB. Já o SBT comia pelo lado oposto do espectro, começo da noite, público DE. Logo em seguida, o jornal do Boris, como ficou conhecido o telejornal de opinião do polêmico jornalista, agora na Record. O *Aqui, Agora* trouxe paisagens de periferia de São Paulo, com seus personagens, seus morros, suas ruelas, conflitos. Câmera na mão, imagem tremida, respiração ofegante de repórteres que iam atrás da notícia, in loco. A ênfase na reportagem ao vivo em locais da cidade e com pessoas que pouco apareciam na TV, a prestação de serviço, repercutiu especialmente na área de defesa do consumidor, gerando um padrão de telejornalismo reconhecido como não oficial. Nem a Manchete, nem o SBT foram capazes de manter a linha de programação que ganhou apoio do público. A Globo recontratou Benedito Ruy Barbosa e anos depois, Jayme Monjardim. O SBT cancelou o *Aqui, Agora* depois de sucessivas intervenções no sentido de torná-lo mais leve. Vale destacar que como sucedâneos de outras emissoras no mesmo estilo, o sucesso de público do *Aqui, agora* não encontrava eco proporcional entre anunciantes.

Sem me alongar excessivamente nas technicalidades sugeridas pelos dados, gostaria de salientar, no espaço desse memorial, a hipótese defendida nos dois projetos em andamento, hipótese essa que alinhava minha trajetória das lides da antropologia ao campo dos estudos de cinema e televisão, a idéia de que mudanças estéticas e estilísticas reverberam. E mais, que mudanças estéticas e estilísticas no campo reconhecido como “feminino” reverberam no sentido de expandir esse domínio, contaminando esferas reconhecidas como “masculinas” e pensadas como nitidamente separadas entre si.

A constatação empírica reverbera o trabalho de diversos autores, que a partir de perspectivas diversas, e em campos disciplinares diferentes, trabalham com as implicações das produções audiovisuais para as relações de gênero. Andreas Huyssen, trabalha com a questão em uma espécie de arqueologia conceitual. Para o autor alemão, formado na tradição de Frankfurt, a noção de cultura de massa surge como feminina em um contexto em que o feminino é também associado ao domínio privado da casa e ao temperamento supostamente emocional e incontrolável da mulher. A cultura de massa para Huyssen condensa atributos que permitem entendê-la

como um "outro" em relação ao qual o projeto de arte modernista ganha nova dimensão. Associando elementos opostos – tais como a crítica distanciada, racional e transformadora da esfera pública – reconhecidos como pertencentes ao domínio masculino, o autor caracteriza o Modernismo como movimento que se articula, não exclusivamente a partir de idéias ou princípios essenciais, mas também em função de uma interlocução privilegiada com um universo ao qual se contrapõe. A visualização desse campo de forças permite apreender o Modernismo em contraste, não com movimentos artísticos anteriores, como mais uma manifestação artística, em uma seqüência cronológica de rearranjos estéticos e formais, mas como parte de uma conjunção cultural mais ampla. Huyssen oferece um olhar distanciado, em perspectiva, que permite e prepara uma transição para o que o título de sua coletânea anuncia como o "depois da grande divisão" – entre a alta e a baixa cultura. O trabalho de Huyssen ajuda a entender a associação recorrente entre elementos da cultura de massa – como a televisão, o melodrama e a *soap opera* – com o universo feminino, convencionalmente pensado como restrito a assuntos privados próprios da esfera doméstica. Seu trabalho corrobora observações e indagações de outros autores que nos levam a especular sobre a possibilidade de que ao disseminar esses repertórios "femininos" a públicos genéricos semi industriais, como o cinema e a televisão, tenham contribuído para estimular a redefinição das representações e das relações de gênero ora em curso. Nos anos 1970, na esteira dos movimentos sociais libertários, os chamados "filmes femininos" da Hollywood dos anos clássicos, em especial os trabalhos de Douglas Sirk, ganharam nova leitura, inspirando a crítica e a produção cinematográfica. A televisão emerge aqui, em consonância com essa concepção, como meio de comunicação associado às limitações da existência feminina confinada a casa.

Os primeiros trabalhos nessa linha enfatizam as maneiras pelas quais os programas destinados ao público feminino reproduzem e reforçam noções de público e privado como associadas respectivamente aos domínios masculino e feminino. Na linha do filme *Tudo que o Céu Permite* de 1951, dirigido por Sirk, em que os filhos da protagonista presenteiam a mãe viúva com um televisor que deveria compensar a solidão causada pela viuvez e pela saída deles de casa, resguardando-a de um segundo casamento considerado inconveniente dada a origem social mais baixa e a juventude do pretendente interpretado por Rock Hudson, Laura Mulvey, cineasta e pensadora inglesa, na coletânea que reúne seus ensaios pioneiros, *Visual and other*

*pleasures*, define a televisão como uma força privatizante. Para Mulvey, enquanto o cinema apelaria para o desejo de sair de casa e tomar parte na vida pública, a expansão da televisão nos Estados Unidos do pós-guerra estaria associada ao surgimento dos subúrbios, ao retorno das mulheres ao espaço doméstico da casa, à ênfase renovada na vida cotidiana orientada para a família, que garantiria a reprodução dos valores burgueses dominantes. A autora interpreta os programas femininos dos anos 1950 como parte de um retorno das mulheres, que durante a guerra haviam assumido diversas funções públicas, ao espaço privado. Seu ponto de vista, que reconhece a complexidade original do teatro e do melodrama literário francês do século XIX como fenômenos populares, vê na televisão o encapsular das potencialidades redentoras desse gênero de expressão. O trabalho da autora e cineasta permanece uma referência, pois ao estabelecer nexos entre produtos audiovisuais e relações de gênero, revolucionou os estudos da representação fílmica. O conteúdo e o sentido desses nexos permanecem, entretanto em discussão. O melodrama em si mesmo constitui um vasto campo de pesquisa e um terreno em que meu trabalho com as novelas intersecta com a discussão que Ismail Xavier faz a respeito do gênero em ensaios publicados em seu livro *O olhar e a cena*, e em referências a autores como Christine Gledhill e Peter Brook.

Sem entrar em considerações sobre o melodrama, mas trabalhando também com as relações entre cinema, espaço público e privado, Miriam Hansen analisa o surgimento de filmes femininos como um sinal de inclusão, inesperada e não planejada na esfera pública norte-americana no início do século XX. Na linha do pensamento crítico alemão e fundamentada em pesquisa histórica, a autora sugere que a presença inesperada de mulheres nas salas de cinema teria levado a indústria a produzir filmes cujas narrativas, figurinos, astros e enquadramentos se voltaram a esse novo segmento do público.

Ainda no campo da literatura feminista, Tânia Modleski interpreta as implicações da cultura de massa para as representações das relações de gênero na chave da recepção, associando a *soap-opera*, cuja audiência, segundo ela é 90% feminina, ao ritmo fragmentado da rotina doméstica. A autora associa o caráter repetitivo e lento da narrativa desses seriados à dispersão característica das rotinas do lar. Vale notar que, ao contrário das novelas, *soap-operas* vão ao ar em horários secundários, como durante o dia. Ao aprofundar a lógica interna da narrativa e da recepção, seu trabalho

oferece chaves sugestivas para a compreensão da natureza do envolvimento das espectadoras, mas porque não, também dos espectadores, com os folhetins eletrônicos.

Outros autores indicam mecanismos intrínsecos ou endógenos de produção e recepção de mídia que podem ser pensados como forças de mudança social, mesmo que essas mudanças se apresentem em direções inesperadas, não planejadas e não necessariamente bem vindas. Lynne Joyrich no artigo "Reviewing reception: television, gender and postmodern culture", debate a abordagem do melodrama televisivo proposta por Mulvey. Para ela, melodrama, televisão e consumo se reforçam mutuamente, mas o melodrama televisivo difundiria "conotações femininas abrindo contradições (...) a serem extensamente investigadas". A sugestão corrobora outras abordagens, de autores, que tratando de outros períodos históricos, especulam sobre como a televisão teria contribuído para redefinir noções sobre espaços femininos e masculinos. Em seu estudo sobre as representações que cercaram a televisão no momento de sua introdução nos Estados Unidos do pós-guerra, Lynn Spigel (*Making room for TV: television and the family ideal in postwar America*), como Laura Mulvey, associa a difusão do novo meio de comunicação ao surgimento dos subúrbios. Mas, para Spigel, em vez de reforçar o confinamento da mulher à esfera doméstica, a televisão teria trazido informações sobre os acontecimentos da esfera pública para o espaço privado e isolado da classe média suburbana e para as mulheres que passavam o dia nesses bairros exclusivamente residenciais, afastados e de ruas desertas.

De outra perspectiva, Joshua Meyrowitz (*No sense of place*) também sugere que a televisão realizou uma espécie de deslocamento de repertórios. O autor alinhava na mesma chave a diluição de barreiras entre repertórios masculinos e femininos, infantis e adultos, públicos e privados, na paisagem em transformação dos Estados Unidos da década de 1950. Meyrowitz se utiliza de uma metáfora arquitetônica para justificar seu argumento. A televisão teria erodido as paredes que separam os cômodos de uma casa, permitindo que o que se passava no interior de um cômodo, passasse a ser do conhecimento de todos. Assim, a televisão teria, por exemplo, aproximado o repertório masculino da notícia, agora facilmente acessível em canais e horários conhecidos, do espaço feminino da casa, facilitando o acesso das mulheres a assuntos anteriormente restritos aos homens e ao seu espaço específico de trabalho e lazer. Meyrowitz sugere

que esse acesso generalizado a repertórios anteriormente mais discretos pode ter contribuído para gerar mudanças nas relações de gênero, como a própria emergência do movimento feminista ou a entrada da mulher na força de trabalho. O autor enfatiza as maneiras pelas quais o conteúdo televisivo “fura” o controle que as hierarquias das instituições sociais clássicas procuram exercer sobre determinados espaços e conteúdos. Assuntos que um dia foram confinados a determinados grupos, em situações específicas, podem, através da televisão, passar ao largo de hierarquias estabelecidas em instituições como a Igreja, a escola, a família, a política, tornando-se acessíveis indistintamente. Acrescentaria que o inverso também vale, ou seja, a televisão também realiza o movimento contrário, tornando a fofoca da vizinha disponível a todos na telinha.

O “fenômeno midiático” em torno na morte da Princesa Diana gerou interpretações que também recorrem ao deslocamento de repertórios, feminino e masculino, para entender a fascinação em jogo. Christine Geraghty, editora de um número especial da revista *Screen* sobre a morte da princesa Diana, na tentativa de entender o que Roger Silverstone, no mesmo volume, caracteriza como um “fenômeno de mobilização coletiva para prestar solidariedade a uma celebridade desprovida de poder institucional, liderança constituída ou causa definida”, Geraghty sugere que as *soap operas* “... reverteram valores tradicionais, privilegiando o mundo feminino no qual emoção, empatia e conversa são os melhores meios para se compreender e manipular a vida”. Diana teria mobilizado uma narrativa pessoal no espaço público. A autora cita especialmente uma célebre entrevista que a princesa concedeu ao *Panorama*, prestigioso programa da televisão britânica. Na ocasião, a princesa, ainda investida de funções de representação do Reino Unido, usou o espaço normalmente dedicado a questões políticas e sociais, para tratar de sua vida pessoal, no registro do romance. Essa entrevista é para a autora um exemplo privilegiado de como a mídia pode sintetizar de maneira peculiar, experiências subjetivas políticas e pessoais, públicas e privadas. Um pouco como no caso das novelas, o impacto e o fascínio de Diana estariam relacionados ao deslocamento de repertórios que ela operou, ao trazer para a arena política, elementos da vida privada.

Ingressei na carreira docente em um momento em que o CTR acabara de reformular sua atuação na graduação, fundindo os dois cursos anteriormente

oferecidos, "Cinema e Vídeo" e "Rádio e TV", no "Curso Superior do Audiovisual". O momento era estimulante, uma vez que a ação inovadora revigorava o curso e empolgava o corpo docente. Os desafios colocados pelo novo curso são enormes, especialmente na área de teoria e história, na qual me encontro. O Departamento, como se sabe, possui larga tradição nos estudos de história do cinema brasileiro. A pesquisa e a crítica dos professores Paulo Emilio Salles Gomes, Jean Claude Bernardet, Maria Rita Galvão e Ismail Xavier, entre outros, estabeleceu os parâmetros da história do cinema brasileiro. O mesmo não pode ser dito da história da televisão, que está, em larga medida, para ser feita. As questões, porém, postas para uma historiografia e uma teoria do audiovisual, extrapolam a enorme tarefa, de pesquisar sistematicamente a história da TV, embora passe também por ela. Tal empreitada envolve um complexo desafio teórico e prático que envolve diversas áreas de fronteira na teoria de cinema, nas ciências sociais e nas artes contemporâneas. Até que ponto os instrumentos teóricos postos para a crítica de cinema dão conta de analisar produtos industriais? Como fica a questão estética quando se fala em televisão? Como definir a arte em uma era em que a produção comercial se generalizou? A distinção entre arte e entretenimento é produtiva? Qual a relação entre experiência estética, cognição e obra? Essas questões demandam pesquisa empírica e bibliográfica, que de maneira muito estimulante, está associada ao projeto do curso propriamente dito. Em outras palavras, ao intercalar cinema e televisão na série de cursos de "História do Audiovisual" e "Teoria e Estética", vamos avançando no enfrentamento desses problemas. A situação seria ideal se contássemos com boa infra-estrutura para pesquisa e material didático. Infelizmente, a ausência dessas condições, a sobrecarga didática e administrativa e a desarticulação entre a pós-graduação – onde em termos institucionais, estamos sob maior pressão que na graduação, embora grande parte de nossa energia se volte para a graduação, e onde não logramos ainda implantar o projeto que tem se mostrado acertado na graduação, dificultam a realização plena de um potencial especialmente desafiador. Na pós-graduação, acabo de orientar meus primeiros três mestrandos, além de Carolina, já mencionada, Marco Antonio Pereira do Vale, autor de uma análise sobre os principais elementos estilísticos do trabalho de Guel Arraes e Luiz Tabet, que trabalhou a experiência de uma TV municipal de rua, a TV Anhembi. Organizei inicialmente com Rubens Machado, e posteriormente também com Henri Gervaiseau, seminários de projeto de pós-graduandos, fórum informal, mas bastante proveitoso, de discussão dos trabalhos dos alunos em diferentes etapas,

desde a elaboração de projetos para agências financiadoras, até a qualificação e defesa. A possibilidade de ter o trabalho lido por colegas pós-graduandos e professores enriqueceu a experiência discente, provendo um mínimo de interlocução múltipla, necessária a qualquer atividade acadêmica que se queira de fôlego. Com a publicação de minha tese, a conclusão da primeira leva de orientandos formais e a finalização da pesquisa sobre os dados do Ibope, sinto que uma primeira fase de minha carreira acadêmica se encerra. Com base na experiência intensa desses anos, espero daqui por diante me concentrar mais na pesquisa, enfrentando agora, de maneira concentrada uma problemática mais afeta à minha atual filiação institucional.